

circulo  
de  
prosa

# CRAMBO

maria  
velho da costa

869 a.  
-4  
C03

MORÆS  
editorial



*Círculo de Prosa*

ALEXIS-CHRISTIAN VON GRIBSKOV (ARQUIDUQUE)

*O doge*

ANTÓNIO QUADROS

*Histórias do tempo de Deus*

JEAN GIONO

*Histórias do meu regimento*

MARIA VELHO DA COSTA

*O lugar comum*

*Maina Mendes*

*Cravo*

NUNO BRAGANÇA

*A noite e o riso (2.ª ed.)*

RUBEN A.

*Silêncio para 4*

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

*Contos exemplares*

*O rapaz de bronze (4.ª ed.)*

CRAVO

ENSINO PRIMÁRIO E IDEOLOGIA

Pub. D. Oliveira, 1972  
2.ª edição, Seara Nova, 1973

NOVAS CARTAS PORTUGUESAS

Editorial Cor, 1971  
2.ª edição, Ed. Pimenta, 1974

DESESCRITA

Arromamento, 1973

CRAVO

1.ª edição, 1970

CD25A





*Da Autora*

O LUGAR COMUM

Liv. Moraes, 1966

MAINA MENDES

Liv. Moraes, 1969

ENSINO PRIMÁRIO E IDEOLOGIA

Pub. D. Quixote, 1972

2.ª edição, Seara Nova, 1975

NOVAS CARTAS PORTUGUESAS

Estúdios Cor, 1971

2.ª edição, Ed. Futura, 1974

DESESCRITA

Afrontamento, 1973

CRAVO

Liv. Moraes, 1976



MARIA VELHO DA COSTA

# Cravo

*[Handwritten signature]*

MORÆS editores



281182

---

**COPYRIGHT:**

© 1975 by Moraes Editores,  
Lisboa

---

**CAPA:**

Luiz Duran

---

**COLECÇÃO:**

Círculo de Prosa

---

**Composição e impressão:**

Tipografia Lousanense  
Pç. Marechal Carmona,  
Lousã

---

1.ª edição - Abril de 1976

n.º ed. 689

3.000 exemplares

---

Direitos de tradução, reprodução e adaptação,  
reservados para a língua portuguesa, por:

Moraes Editores  
Rua do Século, 34-2.º  
Lisboa - Portugal

---

**DISTRIBUIÇÃO:**

«O Século»  
Rua do Século, 43  
Lisboa - Portugal

---



Entre Actos,  
Cravo

CD25A

'... que estaba condenado a no conocer la vida sino por el revés, condenado a descifrar las costuras y a corregir los hilos de la trama y los nudos de la urdimbre del gobelino de ilusiones de la realidad sin sospechar ni siquiera demasiado tarde que la única vida vivible era la de mostrar, la que nosotros veíamos deste lado que no era el suyo mi general, este lado de pobres donde estaba el reguero de hojas amarillas de nuestros incontables años de infortunio y nuestros instantes insabibles de felicidad, donde el amor estaba contaminado por los gérmenes de la muerte pero era todo el amor mi general...'

G. Garcia Marquez  
*El Otoño del Patriarca*

... que estás conchando en la vida  
sino por el leve, conchando desde las  
costuras y a cubrir los huecos de la vida  
y los huecos de la vida que se van  
haciendo en la vida sin que se  
demuestre que la vida vive en  
la de verdad, la que nosotros vemos desde  
largo que no es el mundo que está  
de poder donde está el mundo de los  
amantes de nuestra incomprensión de amor  
mujo y nuestros insidiosos insidios de amor  
donde el amor está constantemente por los  
grupos de la mente pero que todo el amor  
mi generalidad de

El Grupo del Partido  
de la Gran Nación

CD25A



# Entre Actos, Cravo

Entre actos, coisa curta, de afogadilha, folgado preso.  
De entre gestos, dejectos melhores, sons, pronomes factos.  
Foguete preso e mais, imagens, imagens, não rittidos.

Eu pulia pequenos pedras já artes, quem lembra?  
transparentissimas e veladas, esse obscuro contraria.  
Recordarem? Depois foi toda a rua toda e também  
ordenada. Isso não vem que fôr, esse dia. Ninguém  
sabe no que se mete quando bruta, mas as palavras  
ardorosamente.

Fica assim pois o latido de algum outro registro.  
Resista à ideia de publicar assim em volumes, ressurge  
a minha vida sobrenatural, se eu tivesse de escrever  
não escreveria para ser lida. Há para isso os  
corraios, telegramas, telefones e até falas. Será para  
entender de que nos amamos e creio para onde.

[Diálogo em São Bento, com escudis:

— Como se diz acesse diz acesse?

— Diz-se acesse acesse acesse.

— O isso.]

É aí tanto valer a de fins tentáculo de néquia aos  
milos como ruggens de droga. Mesmíssimos. Expli-  
camos, contido. Aprendi nesse a carcere mais de um  
carere por causa de ter actos, deos, tempos em que  
este escrever no texto esteve perto de quem nem sabe  
esse dizer. Foi tanta de entrar em purgência com parte  
riva que nem me fez alguma escrita. É ratificado que

Entre Actos  
Clavo

CD25A



Entre actos, coisa curta, de afogadilha, fôlego preso. De entre gestos, dejectos melhor seria, pequenos jactos. Fogueiro preso e mais, imagens, imagens, não retidas.

Eu pulia pequenas pedras já antes, quem lembra?, transparentíssimas e vedadas, essa obsessão contrária. Reconhecem? Depois foi toda a rua toda e também ordená-la. 'Isso não tem que ficar escrito', dizia. Ninguém sabe no que se mete quando brinca com as palavras ardorosamente.

Fica assim pois o intitular, o pequeníssimo registo. Revindo à ideia de publicar assim feito volume, ressurgue a muito ácida soberania — se eu escrevesse de escrever não escreveria para ser entendida. Há para isso os correios, telégrafos e telefones e até falar. Seria para entender do que nos comove e move para onde.

[Diálogo em São Bento, com escadas:

- Como é que se diz *inzigir*?
- Diz-se *reivindicação justa*.
- Ó isso.]

E aí tanto valem ir de fino tentáculo de medusa aos trilos como rangeres de draga. Mesmíssimos. Expli-co-me, contudo. Aprendi acaso a carecer mais de expli-car-me por causa destes actos, destes tempos em que este escrever no tosco esteve perto de quem nem sabe *esse* dizer. Por causa de entrar em pungências com gente viva que nem me lerá nunca escrita. É ratificado quão



precário o *tu* e *nós* aprendiz diante do *vocês* sabidos, pior pronome. Desescrevo ou não escrevo por causa do *vocês*, não deles. Até que um dia, perigoso e infável *tu* e *nós* superem. Lendo-se.

Que um dia hei-de dar uma história como uma magnólia, aberta, grande, branca, toda de bem ligada, uma harmonia. Mas não é nenhuma promessa segura.

Isto foi entre a revolução e pré. Vou ainda dizer que não estimo cravos, o farfalhar indespetalável, o cheiro queimado, a mais. Flor sublinhada, macha, única flor de serrilha e hirsuta. Contra flor muito tenaz para flor. Nome também: verruga. Ou cravo-ferro.

Uma multidão, uma vida e um livro hão-de ter *rosa* neles — esse indesistente insinuar da paz perfeita, essa brevidade segredo exposto, revigorosa da ablação de hastes, poda.

Posso dar garante de que alguma arte curta foi porém cumprida nos actos e que foram vistas de dentro multidões tão de beleza que se podem chorar e refazer outra flor.

Hei-de ocupar-me disso. Todo o vivo é prefácio, lembrem, do mais vida.

Enterro este, pois. Cravo. Nem vou de orelha ou rabo requerer, mas corpo todo pretibérico, de novo o embo-lado no redondel das vossas vidas. Ah, cravo ainda, para sorrir: a vibração de câmara lavrada do outrora bem temperado, pré-piano.



E mais, a especiaria, essa sim-flor tão compacta de mínima, pequeno sol negro e arisco sobre a palma da mão que tempera e costura a olho, a mão de portuguesa, finória, tonta, mana.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1975

CD25A

Enfin, à l'égard de la justice, les lois de  
ce pays ne sont pas si rigoureuses que  
celles de la France, et les juges ne sont  
pas si exacts.

Il y a une grande différence entre  
les mœurs de ce pays et celles de  
la France, et les lois ne sont pas  
si rigoureuses.

Les lois de ce pays ne sont pas  
si rigoureuses que celles de la France,  
et les juges ne sont pas si exacts.

Il y a une grande différence entre  
les mœurs de ce pays et celles de  
la France, et les lois ne sont pas  
si rigoureuses.

Les lois de ce pays ne sont pas  
si rigoureuses que celles de la France,  
et les juges ne sont pas si exacts.

Il y a une grande différence entre  
les mœurs de ce pays et celles de  
la France, et les lois ne sont pas  
si rigoureuses.

Les lois de ce pays ne sont pas  
si rigoureuses que celles de la France,  
et les juges ne sont pas si exacts.

CD25A



# Crónica dos idos

1. É vu vi doles e primeira dinastia. Tanto se muito  
tanta pela madrugada e velava. Os seus estavam estrados  
alto e os ginetes faziam curvas pequenas riveas pelas  
nadas, fora do norte da eruida, susqueando manso nos  
pendidos seu sono de pé, enquanto eles lá dentro velavam  
seu sagrar-se à descuracia, e sempre nova guerra. Vir-  
gens, o olho é escuro e raído de sangue, os tão novos  
passavam a mão nos peitos halados de vulto, ainda se  
disso, e esperavam, montavam-se e pes e ao rugar das  
nivas do clarear, estremitas e no despo do dentro  
da sua novidade, passavam a dor e a hama e pão árdua,  
quaxian sustar e vian e o vian e sua forma de argila, os  
sons de muro e chão. Os deo parturante que não  
sabiam que nada, mas tinham que ser, a princesa, ir  
descendo nos tempos sua mãe e ser eu. De ferros, de  
barel, estamene e de vartela, de patos e pés nus no  
surdidos, e a da sua e nupo em todo e tudo, eu  
vi e pucha e de a vira em terra, e interesse. Nin-  
guém não se lembra em todo. Como do cru no cru,  
todo o ar era de vante e parte ligada cheiro, parecia  
um ac vante e era a hama, e rade afago dela. Cera  
silvante nado, basta guerra, machado lano, dedos sem  
escrita, nado de jermanas. Todos eram primeiros, gros-  
tos, nado.

2. Mais vi os casais, os caminhos e as fontes, o  
gudo das fontes e a melodia. Vi na  
segunda ou  
«La cloche du pur départ  
ne tinte qu'en pays  
incrée ou follement agonisant»  
Tinha em suas mãos as estrelas e em baixo tinha  
o vanto fozzo e a primeira guerra, restos de marada, o

RENÉ CHAR

1. E eu vi deles a primeira dinastia. Tinha-se muito recta pela madrugada e velava. Os céus estavam cerrados alto e os ginetes faziam outras pequenas nuvens pelas narinas, fora do horto da ermida, casqueando manso nos penedos seu sono de pé, enquanto eles lá dentro velavam seu sagrar-se à desmesura, a sempre nova guerra. Virgens, o olho à escuta e raiado de sangue, os tão novos passavam a mão nos peitos luzidos de orvalho, ainda só disso, e esperavam, montariavam golpes lá no rosar das nuvens do clarear, estremeciam no dentro do dentro da sua novidão, passavam a água em barros e pão ázimo, queriam suster e viam e ouviam, sua língua de argila, os sons de muco e chão. Vos digo claramente que não sabiam que nada, era só um mais ser, a princesia, ir descendo nas terras um coro de ser eu. De ferros, de burel, estamemha e lã cardada, de patas e pés nus só enrolados, traça da mão e cuspo em tudo e tudo, eu vi o punho cheio a por-se em terra, a inteirar-se. Ninguém não era irmão e era cedo. Como do cru ao cru, todo o ar era tenro. Bestas e gente tinham cheiro, gemia um só vagido e era a língua, o rude afago dela. Cera silvestre neles, bosta quente, coalhado leite, dedos sem escrita, mãos de derramar. Todos eram primeiros, grossos, unos.

2. Mais vi: as casas, os caminhos e as fontes, o gado são, entrarem pelas barcas ao meio-dia. Vi os segundos como corvos e tudo tendo a medo, conservando. Tinham seus paços postos sobre estacas e em baixo eram o ouro fosco e a pimenta grumosa, restos de maresia, o



agougar dos caranguejos. Vi-os de negro e chapelão mal-dizerem as águas e os ares, montados sobre as mais altas pontas de terra, espumando ao mar as suas próprias espumas. Vi as mulheres, a enegrecer de trapos o todo corpo delas, gementes e chorantes em nome de uns nomes ou de outros. E vi-os engodar a própria morte, tecer vaidades dela. E ouvi a antiga renegada fala dando vozes de mando por cima desses brados altos. Até que se deitaram pelo chão pelas terras todas e ficaram à escuta do seu ronco. Até que se deitaram para as águas cus-pindo os dentes e mordendo as redes. Vi-os erguer-se e só comerem estevas e roerem as mãos até aos punhos para de novo ter nome. Mais vi as armas que empunha-vam, os chuços e ancinhos para sempre. Vi-os ir de uma a outra casa, sempre sagradas santas, a demandar cami-nhos, sem ninguém que ficasse em nome deles. Puse-ram-se então a triturar o membro a todos os meninos, para que não fossem mais por sobre a terra.

3. Vi que os terceiros engalanados ao pescoço não pagavam as tenças, não desciam nunca, caçavam codor-nizes nas coutadas desertas, muravam câmaras, docéis, nem sabiam dizer. Vi-os perder ao jogo pedaços de países, fazer transporte de restos de sardinha e negros, ir e vir sentados em cadeiras. Vi a zanga assanhar-se e não ter contra, as fogueiras acesas de papel e carne, os pedreiros calcados pedra a pedra, o sol a raiar negro das profecias dos cegos, os cargos descargados, membros rotos. Vi os mortos saírem de grandes regos nas vinhas e trigais a contarem-se pela boca dos vivos. Vi os maiores esven-trarem-se a dar suas próprias vísceras de chuchar aos meninos. Mais vi a terceira dinastia vestida de fins, doida, sentados em bancos podres à volta do trono ermo, todos loiros, os olhos vazos, a comida a babá-los, sem



lembrança, a terra a abrir fendas nos seus paços. Vi os coelhos cobertos de chagas correr pelos casais e montes desleixados. Vi o peixe de borco pelos rios, ilhas sem água, novas ou mandados, a ronda dos milhanos sobre as crias sem mãe. Vi-os fazer para lá das águas nova e grande leira, nome novo, e trocá-lo por jazigo da casta, ossos e gusanos.

4. Mais vi os fretes e os recados, saberem usar luvas. Vi-os deitar-se sobre as filhas novas e espancar de sono os que vagiam. Vi as panelas de feijão e arroz, a minguá, a mão estendida o todo-mês. Vi as crianças e mulheres, o mesmo ventre mal inchado, as casas erguidas de retalhos, as moscas sobre as fezes ao derredor, a todo o derredor da quarta dinastia. Vi os cavalos, agora as grandes bestas só cascos e matracas avançar sobre a carne, a cabeça da terra agora uma só esquirola seca e desmembrável. Vi o báculo afagado em bordéis, o ceptro em mão de morto rigoroso, a mesma ordem de matar de manso em tudo e todos, as vascas cuidadosas e discretas, ser o tempo do ralo. Vi-os catar piolhos à mesa dos cafés, pedir pistolas emprestadas, cair de pontes e sacadas e os comboios, o terrível saber: — morrer ou de matar-se ou de ter que ir. E vi os que ficavam fazer pactos — dar a língua por goma de mascar, os filhos por cerveja e pão sem trigo, torcer os rios para rasgar as vilas pelo meio. Pior: vi-os matar só porque tem que ser e assim ser morto — porque sim. Vi-os dessedentar-se no cuspo dos novos amos e fazerem festins dos excrementos deles. Vi-os ir de rastos por um punhado de bolotas largadas ao derredor de uma azinheira morta. Vi-os levar à força por sua mão todos os filhos mancebos e vendar para sempre os olhos de todos os meninos. Mais vi que um grande susto ora manso descia sobre todos e



mesmo a quarta dinastia, mortos os seus mortos. Porque tão mais o menos já não era possível.

5. E assim, no quinto dia desta criação, vi vir pelos ares dois grandes grifos verdes que por pouco tapavam todo o sol. As mãos deles tinham seis garras que luziam na cor que se fez de noite vir e chuva e, quando pousaram, as caudas abanavam docemente por léguas e léguas. Eram tão grandes que um deles apoiava a cabeça eriçada de pequenos cornos brilhantes na teia de metais levantada sobre o rio, que assim parecia muito leve. E tão transparentes que as gaivotas faziam círculos voando por dentro do corpo de um e do outro e lá se podiam contar todas as colinas de um e outro lado, as basílicas e as fábricas, só que de um outro tom, um branco-luz. E puseram-se a conversar de um para o outro lado do rio. O volume de som que faziam parecia só um correr da água com mais ímpeto, um marulhar de mar, mas quase chão, restolho de represa, um sempre a ir e fácil. E ouvi que contavam primeiro o número de homens e depois o das mulheres e depois o de todas as crianças vivas de todas aquelas terras. E o um contou ainda um por um os nomes dos que estavam nas ilhas e enclaves em pedaços de terras longes. E o outro contou os do grande lugar aberto e fumegante onde as árvores faziam as nuvens e os rios se faziam sem margem. E fez um intervalo para falar dos pássaros pintados de tudo e dos quatro ovos azul-roxo do ninho da anaconda. E assim estiveram pela noite fora, e viram que o número dos daquela fala era grande. E tendo visto pela madrugada que assim era, sorriram de olhos amarelos de um ao outro lado do rio, porque a larga agonia daquele ninho onde pou-savam as grossas patas traseiras cobertas de limos bar-mentos era como a agonia de todos os ninhos — o começo.

E tendo erguido voo naquele abrir do dia todo em lumes, falavam e falavam por dentro dos ares finos da enseada, dizendo do advento da quinta dinastia — o encoberto, primeiro de deitar à terra, o reinadio povo-fala. E o seu riso era uma coisa insuportável, e da força dele soprou uma lavada brisa, uma pancada de água muito limpa, por toda e toda a orla dessas terras marítimas.

Novembro 1972

CD25A





Haveria alguma correspondência de dia para dia  
 e talvez por vezes das seis horas da tarde  
 ficando de advento da quinta-feira — o encargo, in-  
 cumbida de deixar a terra e de ir ao governo  
 não era para ser muito grande, e de lá para lá  
 não havia mais nada, mas parecia de alguma forma  
 toda a vida a vida de um homem de bem, de  
 uma vida que se vive com a consciência tranquila  
 e com a certeza de que se está a fazer o bem  
 e a cumprir o dever.

CD25A



# Manifesto de escritor em linguagem fácil para uma campanha difícil

qualquer outra obrigação lhe assiste por obrigação estrita. De cá do senão essa — alinhar palavras por forma a que lhe façam sentido. E nos outros. E é mesmo dois eixos — o da busca de sentido e o do reconhecimento deste como válida pelos outros — que se começa a trabalhar. A gosto o gargalo esganado dos dois termos, a par da parâmetro, aqui e agora.

## O INSTRUMENTO. O INSTRUMENTO

A fala: a que lhe fala a família, o núcleo da base falante a que pertence e a que lhe pertence, a família. Carregada dos estereótipos desse grupo. A que viria aus de fora, não se fala, mas que então soube logo pela fala que se fala, e que ouviu na escola. A primeira palavra que escreveu, a que por certo teve de ser mãe na pátria. A escola portuguesa onde pela primeira vez soube que o que se diz e sente não se escreve; essa primeira lição de escutadão a consentir o que se quer dizer e escrever e o que é escrito de dito e escrito são coisas mesmo diferentes. Se só há um a quarta classe, o escritor português, isto é aquele que nos dias após gostava de escrever, ficou a saber que escrever é uma coisa difícil e falar também. Ficou calado. Porque se a escola lhe ensinasse que a palavra se pode jogar a trabalhar como a bola ou a terra ou o fio de aço, a escola era fechada, porque não é para isso que lá está. E para o calar para



Manifesto de escritor  
em linguagem fácil  
para uma campanha difícil

CD25A



## ESCRITOR PORTUGUÊS. PROFISSÃO?

Não existe entre o escritor português e o de qualquer outra parte do mundo qualquer diferença fundamental quanto à sua função: ver e contar. Por escrito. Nem qualquer outra obrigação lhe assiste por definição estrita do cargo senão essa — alinhar palavras por forma a que lhe façam sentido. E aos outros. E é nesses dois eixos — o da busca de sentido e o do reconhecimento dela como válida pelos outros — que se começa a poder apertar a gosto o gargalo esganado dos dois termos: escritor e português. Aqui e agora.

## O INSTRUMENTO. O APRENDIZ.

A fala: a que lhe foi transmitida pelo núcleo de base falante a que pertenceu e de base pertence, a família. Carregada dos estereótipos *desse* grupo. A que ouviu aos de fora, acima ou abaixo, mas que então soube logo pela fala que de fora. A que ouviu na escola. A primeira palavra que escreveu e que por certo teve de ser *mãe* ou *pátria*. A escola portuguesa: onde pela primeira vez soube que o que se diz e sente não se escreve, essa primeira lição do escândalo a consentir: o que se quer dizer e escrever e o que é aprovado se dito e escrito são coisas mesmo diferentes. Se só foi até à quarta-classe, o escritor português, isto é aquele que aos oito anos gostava de escrever, ficou a saber que escrever é uma coisa difícil e falar também. Ficou calado. Porque se a escola lhe ensinasse que a palavra se pode jogar e trabalhar como a bola ou a terra ou o fio de aço, a escola era fechada, porque não é para isso que lá está. É para o calar para



as coisas que ela faz difíceis e pô-lo fácil para aquelas onde tem que ficar. Isso pois quanto ao escritor português desconhecido. O que é abrangido pela taxa de mortalidade infantil de escritores. Desconhecida. Porque há porém outros que vão ser acarinhados na escolha do difícil. Escrever bem convém, diz a escola, *a qualquer profissão* das que vão ser escolhidas por aqueles que podem continuar a escolher. Vai ser preciso ler muito, clássicos portugueses e estrangeiros, difícil. A Universidade — agora o descasque: agora vai saber que se quiser ser escritor dos de agora terá que puxar da guita da espontaneidade dita forte que a outra escola lhe enrolou, vai saber isso pela malta e pelo cinema e pelas idas lá fora, e a universidade a encolher os ombros, maçada, mas agora já podem ir no jogo de escondidas para tão poucos, agora sabe distinguir escolas, o significante do significado, temáticas. E sabe que ninguém é escritor na sua, nesta, terra. Ninguém é isso apenas. Não é profissão.

#### A CARREIRA.

É uma longa ida e o escritor novo português desagua ao fim dela num início de carreira onde nada nem ninguém na sociedade a que pertence o quis. Porque se é deveras um artesão da palavra, se faz dela o instrumento de pesquisa do real total que o rodeia, ainda que as paredes do seu quarto tinho, ainda que as tinhosas realidades do segundo emprego a que é obrigado para ter casas decente, ou indecente, obrigado pelos luxos despretenhosos em uso, nunca pode enfeitar, ter sossego. O artista plástico sim, pode ser recuperado pelos bonitos que faça. O escritor, exactamente porque oficia nessa via sacra para a maior consciência que é a palavra, sabe sempre que mente quando mente. E mentir, na profissão, é ser con-



veniente ou entreter. Ainda que os de boas intenções. A vaidade é-lhe sempre mais difícil ou mais de esgar.

### PORQUÊS. ALGUNS.

Porque estamos numa terra e numa hora em que todos aqueles que têm força a fazem para a conservarem ou ser mais. Onde os governantes protegem os ricos e engodam os pobres, sem servir afinal a nenhuns, porque os ricos vão apodrecer de aborrecimento e de estrangeiros de alma e os pobres vão tentar ser gente como lhes ensinam e estrangeiros para outras terras. Onde há uma guerra que não aproveita muito nem a ricos dos de cá, nem nada a pobres dos de lado nenhum e que continua só pelo medo miudinho de tomar qualquer das decisões para pará-la — ou discutir e criar com os pobres como nós mas armados e com fés novas, ou vendê-la de vez a quem der mais. Porque é tudo uma hesitação neste regime de serventes nem se sabe de quens, cada vez mais maiores de tão diversos e desencontrados, que ora abre torneirinhas aqui para as fechar acolá, nos critérios de censura ou repressão, nas habilidades de liberais muito europeus que manda fazer para desistir, nos grupos que deixa crescer até não serem só para fazer de conta.

E se, estando nisto, alguém quiser deixar brotar na escrita um fluxo que lhe escorra do sentir-se apunhalado nas costas por uma faquinha de cozinha, canhestra mas mortal, se alguém quer deveras fazer isso, escrevendo e escrevendo sem ver a quem mas vendo tudo, sabendo que as editoras ricas vão pensar e trincar e as pobres vão dizer que não na agonia, eu a esse chamo escritor do meu país. Do que ainda existe.

Outubro 1973





# O portuguesíssimo nome de Marias

«O inconsciente precede o consciente  
e a lógica do processo histórico objectivo  
precede a lógica subjectiva dos seus protagonistas»

ROSA LUXEMBURGO

«Allors un jour, nous  
nous sommes retrouvées entre femmes  
et nous avons choisi de parler de ces choses-là»

MANIFESTO FEMINISTA, 1972

«First Witch — When shall we three meet again  
In thunder, lightning or in rain?  
Second Witch — When the hurlyburly's done  
When the battle's lost and won.»

MACBETH, I Acto. I Cena.



O portuguesissimo nome  
de Maria

CD25A

O incedente precede o consequente  
e a lógica do processo histórico  
precede a lógica subjetiva dos seus protagonistas

1973

«Alors tu jure, nous  
nous sommes retrouvés après l'attente  
et nous avons choisi de partir de ces choses»

1973

«First Which -- When shall we three meet again  
In thunder, lightning or in rain?  
Second Which -- When the hurlyburly's done,  
When the batt'ns are lost and won»

1973

Ao princípio ninguém de nós sabia o que fazia. Era aqui. Era o ano de 71. Era a abertura, greta mal sabida. Era o querer uma festa e um trabalho e umas casas. Éramos três mulheres assim, a espiar-se, a brincar de ver o que ia ser tudo. Logo logo se soube, aqui sabe-se sempre isso e talvez em toda a parte, que meter-se em tarefa comum e sujeitar-se às regras dela em diminuto grupo é grande risco. Pequena célula aberrante no corpo dos escritores despartados, no corpo das mulheres burguesas que se despartam noutros entreténs, no corpo das mulheres *tout court* que só se apertam para cumplicidades relezinhas, no corpo dum país onde só duram coesas as células mais ameaçadas. Não sabíamos o que fazíamos, mas escolhemos ir vendo, obedecer à disciplina manamente aceite, tão pouca, tão difícil — falar todas as semanas a horas certas, a oito, comer ao menos uma vez publicamente, trazer tudo o que escrito houvesse às outras duas. Tão pouco. Tão duro e alegre como casa de marias mariquinhas, atelier de costura de patroa rica, pátio de escola primário número dez, feminina, bicha de operárias conserveiras. O que viesse vinha. E veio. Tudo o que acontece quando a multidão é de três — os conjuntos, os três também malignos conjuntos de duas contra/face à outra, a competição do papelzinho meu, papelzinho vosso, a frieza de pinha do 'eu é que sei' o hábito da presença tríplice controlada. Mas. O júbilo permanente, o pasmo, de aquilo ir durando e aguentando, célula nutrida até do esgar em torno e agora sei de quê — terra sabida e triste onde grupo que tenta durar vivo tem que morrer. País onde tudo o que é comunal e



fecundo é maldito. Terra que não aguenta *expressas* a raiva e a maldade que estão *também* em toda a criação conjunta. Canteirinho de sentimentos bons onde ninguém sabe gerir a violência senão pela paixão ou a ruptura. Onde cada um não aguenta a mesquinhez dos outros por demasiado terror da própria. Onde todo aquele que intervém a criar é melhor que todo aquele que intervém a criar e por isso só os que estão para conservar e destruir, esses, estão juntos.

2 Mas éramos mulheres. Tão pouco a perder. Tão calhadas para essa festa que é a memória dos lugares humildes da casa, de todas as casas, serras e cidades — a cozinha, a cama dos miúdos. Tão certas desse horror que é o homem de pé contra seu próprio direito ao abandono, tão difícil amigo. Tão fechadas, freirando, mas como um punho para saudar a rua. Tão sabedoras do delito que estávamos cometendo, suspensa desde logo sobre nós uma sentença porque não lutávamos pelo privilégio só, porque não lutávamos pelo sexo só, porque não lutávamos pela classe dos que escrevem só, porque não lutávamos pela mudança das estruturas políticas só, ou condição feminina só, ou direito à experiência e expressão escrita só. Porque não lutávamos só. Era um tão grande perguntar e nem tudo ficou escrito. Porque era porque sim. Um ir praticando o ir sabendo. Fidelidade a um tempo grotesca e seriíssima — célula-base irrompendo sem tino em corpo que a não queria — cancro novo em corpo de lepra lenta.

Assim foi e é e nada está perdido, ainda que se perca a coisa celular, isto do processo à venda, espasmódicas campanhas, o tentar e tentar e escorraçado em força. Há tribunais abertos e celas prontas a quem se dá a

mão ainda que suada de medo, redes de competição até na solidariedade. Mas mão dada não esquece calor rude disso, ainda que lhe venham luvas, veludos de cargos bem pagos durante os outros quatro ou quarenta anos, as outras boas isoladas obras, amargos de não saber com quem, ou não poder. Quem esteve junto não esquece que o choro e a gargalhada legítimos estão na busca acaso cega e azelha do que é justo e fraterno e tão para todos quanto possível, que outros homens e outras mulheres novíssimos somos todos nessa lembrança do exercício do querer conjunto à escuta de todos, amor público — o *estar político* sempre e sempre adiado. A cinco, a dez, a vinte e cinco, a vinte e oito de todos os outubros.

Outubro 1973





# Exortação à entrada do poeta em Abril

Sentado escuta o poeta a trituração do próprio peito como uma flor marinha que se abre das águas agitadas com seus dedos de filamentos caravoreos. Alguns são os que sabem que é esta uma das maneiras sãs mas não o que fazer. Será esta a provocação que se corresponde de si mesma no charco transbordado dos nossos olhos? Essa era missão fácil — ver, objetivamente e quando. Essa era a ambígua cidadania do poeta — perturbar-se um e só, officiosamente alienado. A grande dúvida — he agora por dentro de alvéolos e canais, de vias pulmonares. Há gentes em stropelo e há gentes em pavor. As guarnições flem desincontradamente e giram pelas ares de sangue que podemos curar cortadas. Todas as coisas do dia a dia, a vida mais íntima, a roupa frívola, o chão das mesas pretas, são todas abertas para a proximidade grossa de outras mãos, olhos, corpos, que vão por alto: 'Fiz fazamos a festa ós? De que direito?'. 'Que vai ser de roim?' diziamos, satas, laboriosamente, quando a mão direita era a fronteira para vedar e desobrir aos outros a lugar tido por próprio. Escreviamos sobre o papel, do lado de fora do corpo. Podíamos ser obscuros, pois que o futuro (os outros) estava de certa forma vedado. Trememos agora porque nos entrou a rua para dentro das casas e o poeta deixou de ser a pedra sacra da indagação oculta ou terá que deveras degolar-se sem qualquer metáfora: 'Que vai ser de gós?' perguntam-se nele todos, e que pode agora deveras vitimá-lo, mais tarde, sem resposta. Nunca foi tão pouco singular o poeta, como assim invadido. Há uma grande migração bárbara, o ar dos tempos que lhe ditava murmúrios



Exortação  
à entrada do poeta  
em Abril

CD25A

Sentado escuta o poeta a tremura do próprio peito como uma flor marinha prescrutando o peso das águas agitadas com seus dedos de filamentos carnívoros. Alguns são os que sabem que é esta uma das maresias altas mas não o que fazer. Será esta a povoação que se compadecia de si mesma no charco translúcido dos nossos olhos? Essa era missão fácil — ver perfeitamente e quedo. Essa era a ambígua cidadania do poeta — conturbar-se um e só, officiosamente alheado. A cidade abalalhe agora por dentro de alvéolos mínimos, íntimos, pulmonares. Há gentes em atropelo à porta de nossos poros, guarnições fluem desencontradamente com alarido pelos acessos de sangue que poderíamos crer cerrados. Todas as coisas do dia a dias, o pão mais ancho, a roupa húmida, o chão das mesas postas, são fauces abertas para a proximidade grossa de outras mãos, olhos, corpos, que exigem alto. 'Fiz. Fazemos-te. Quem és? De que direito?'. 'Que vai ser de mim?', dizíamos antes, laboriosamente, quando a mão direita era a fronteira para vedar e descobrir aos outros o lugar tido por próprio. Escrevíamos sobre o papel, do lado de fora do corpo. Podíamos ser obscuros, pois que o futuro (os outros) estava de certa forma vedado. Trememos agora porque nos entrou a rua para dentro das casas e o poeta deixou de ser a pedra sacra da indagação oculta ou terá que deveras degolar-se sem qualquer metáfora. 'Que vai ser de nós?' perguntam-se nele todos, o que pode agora deveras vitimá-lo, mais tarde, sem resposta. Nunca foi tão pouco singular, o poeta, como assim invadido. Há uma grande migração bárbara, o ar dos tempos que lhe ditava murmúrios



sabedores sobe-lhe às têmeoras ainda novas e rugem: 'Diz. Para que eu saiba.' Hordas vêm julgar-lhe que seu saber não é peritagem árdua mas emanção, dívida: 'Tu és nós'. E não há já poderes face a que arrogar-se o direito a sair, clandestino, pois que todas as vedações forcejam pela demolição da ilegitimidade, e o desejo de mais, razão do poeta, está em todas as falas desatado. Não há debaixo nem de cima aonde alçar-se ou reclinar a cabeça. Não há nenhuma margem. As torres de anto ou os túmulos outrora irisados de lágrimas são agora lugares-comuns onde se agacham romeiros falsários, rodeados de restos ácidos, obrando com parcimónia. Outros há que irrompem pela oficina secreta, pegam nas palavras que gerações de artesãos sopesaram uma a uma, rigorosamente, e saem com os braços carregados de carbúnculos acesos, bradando enquanto a carne lhes estruge, cândida ou estultamente: 'Como é fácil, como serve, como não pesa nada.' E deixam pelas ruas um trilho de resíduos secos, detritos que logo outros comem, tal a magnífica fome nova. Eis que o resistir desse núcleo túrgido que é ainda sentido como próprio e limpo de mandatos — reduto submerso que é o coração do poeta — só pode acaso achar paz dizendo 'Faça-se.' e abrindo na palma da mão uma chaga finalmente visível: 'Nada sou, senão o lugar antiquíssimo onde somos devidos; nada sei, que o ofício de aprender vos não aclare'. Porque o futuro é o lugar da reavida poesia onde jaz exultante e não mais trémulo o sempre prematuro coração do poeta justo que se deixa habitar sem asco pelo maior número. Tem porém o desejo puro do que é mais suas antigas maneiras de o caldear. Que o poeta abra as portas para não ser roubado e traga às assembleias seu rosto e o fio lavrado de sua voz que, expostos, hão-de sagrar-lhe o ofício e lenta, lentissimamente, transmigrá-lo à cidade que urge. Que

o corpo do poeta inscreva na cidade impaciente com seus passos morosos e ilegíveis ainda a sinuosa metáfora do que vai sendo: do ronco à música, do gemido à palavra, do traço tosco à escritura do pacto de maestria comum. E que digam a seu passar: eis aqui o que hesita e recua sobre a via e o erro próprio sem achar outro contentamento que o indagar connosco de um mesmo portal semia-berto. Eis aqui o carregador das palavras raras a que nos foi denegado o uso. Eis o que fará justiça aos nomes opacos onde nos fecharam. O irmão sem discurso. O aprendiz entre nós da matéria que fala. O espantado do povo. Este, poeta.

Abril 1974





# Em honra de Honório

e ao João Afonso

Terra de água, ar de água, céu de água, domilhado, bolorido verde. Essa luz que, sem neblina embora, nos tudo em lento amarela — o chão de areia do ar. E, mais: olhos com o branco de água limpa, preto todo iris alagada, fixos, finos, sem de choro, ao cima do ombro preto-azul, tronquinho nu à altura de meu abraço agachado, se o houvera havido: 'Como te chamas? Chamo Honório. Adeus Honório.'

De nunca mais. Como vou contar um ano que isso travado em lembrar maldoido, esse tempo de indagação a que ia, a que ando, ponto-sinal, o de água no mapa mundo: Bubaque, bijagó, neblina maldada.

Idé o mar com a mais azul, sem cheiro, sozinhoamente. Para trás da praia são os painates e o subir pouco, de mauso, da ventoso, da ilha, molé ocre e verde vista do alto entre linguas de areia, desde a costa, arribas baixas de terreno arenoso já sempre molé, escada para a praia custida de tarolos sem debate, um pré-jardim tudo, os casinhotos sem água, a casa-de-comer com as bolachas baunilha de meias, os grandes morcegos adajando na varanda dos quatro, cinco comensais brancos de passagem, o jantar susurrado. Sobre o mar, sem vento nem branido, vem frescura da praia à noite. Que, de dia, o mar é Não vem vindo, dobrado, marcando rumo, a sua diferença. São aquelas terras que estão por sobre: ele sereno,

*No freedom no unity  
without total liberation*

OUA, MOGADISCIO,  
1974



Em honra de Honório

e ao João Alentejo

CD25A

No freedom no unity  
without total liberation

OLIA NEGATIVES  
1971

Terra de água, ar de água, chão de pão demolido, bolorido verde. Essa luz que, sem neblina embora, coa tudo em lente amarela — o chão de areia do ar. E, mais: olhos com o branco de água limpa, preto todo íris alagada, fixos, finos, sem de choro, ao cimo do ombro preto-azul, tronquinho nu à altura de meu abraço agachado, se o houvera havido: 'Como te chamas? Chamo Honório. Adeus Honório.'

De nunca mais. Como vou contar aos meus que isso cravado em lembrar maldoído, esse menino da indagação a que ia, à que ando, ponto-sinal, olho-de-água no mapa mundo: Bubaque, bijagó, nomes ficados.

*Nem liberdade nem unidade  
sem a libertação total*

Lá o mar começa mais antes, sem cheiro, sozinho. Para trás da praia são os palmares e o subir pouco, de manso, da vertente da ilha, mole ocre e verde vista do alto entre línguas e línguas de areia, desde a costa, arribas baixas de terreno arenoso já sempre mole, escada para a praia sustida de tarolos sem debate, um pré-turismo tudo, os casinhotos sem água, a casa-de-comer com as bolachas baunilha de meses, os grandes morcegos adejando na varanda dos quatro, cinco comensais brancos de passagem, o jantar sussurrado. Sobre o mar, sem vento nem bramido, nem frescura da praia à noite. Que, de dia, o mar é sempre mais antes. Não vem vindo, dobrado, marcando rumorosamente a sua diferença. São aquelas terras que estão serenas por sobre ele sereno,



tudo a vir a nós pelos pés, pelo peso, lodo, enseadas pastosas, estradas por bater. De olhos fechados à luz coada de ser húmido o que se respira, morno tudo, o que é a praia é logo embevecente. O solo cede, o mar é logo de cá para lá, digo. O dessas terras, charco, está por todas elas. Mesmo o carreiro para os altos da ilha, o estreito aberto a faca e a catana, o fora das viaturas, o do resto-lho ouvido com inquietação de porcos pretos meio bravos e lagartos terrosos meio grandes, o de ir andando para o susto ou para a surpresa, é como carnação mole de mulher mansa e velha, recebente. Terra onde o pé entra, sem poeiras. Sobre a praia, porém, é logo lodo ocre. Afeito ao nojo de ser assim a tantos metros da água, vai-se de olhos travados ao sol branco por sobre o dorso de um imenso sapo benévolo e translúcido até à orla da água sem espuma, indistinta senão pela maior morneza, sem transparência, sem requebros de onda, lá. Caminha-se atravessando uma faixa de chão cada vez mais complacente ao peso, vai-se pelo tornozelo pela baixa de areia agora amorenada por milhares de caranguejos vermelhos e miúdos que se escondem ao passo em buracas borbulhosas, ao derredor, e assim nos clareia o andar até à água, ao ir a ela. Esse é o solo mais docemente vivo que pode haver, carnoso e cheio. Tem-se mais peso, lá. Lembro. Ainda sei. O alheio e o tão distante em trama sinuosamente presente a todas as mágoas do aqui seco, essa doçura guardada suspendida nos pés. Essas outras formas vivas, espécies, vidas, amáveis.

*Nem liberdade nem unidade  
sem a libertação total*

Para a esquerda, num linguado de areia mais entrado pela maresia e brilhante de metal líquido, irisado



daquele ar fumo de cores-de-rosa e amarelo-água fechado, aberto no verde, estão os pássaros brancos de pata alta, paradíssimos à flor da água e contra-horizonte. Para diante, longe, o lombo alto e escuro de outra ilha. 'Como chama a ilha, Honório?'. 'Chama Uno'. Pelo mapa não podia ser, nem era isso o que contava então — o mapa. Navegam até lá seu pai, irmãos? Cedo para perguntas que não sejam de jogo, curtas. Ou de mais tarde. 'O Uno?'. 'É Uno é.' Outras aves caem num pio aguçado sobre a lisura em frente, grossas, brutas, sem a ligeireza das nossas gaivotas, brancas de peso gordo, pelicanos?, onde as garças?, íbis?, são quietas ao fim da praia até no voo (ah não saber os nomes, nem Honório, calado da sua língua). Havia torvelinho delas e dos peixes que se lhes alevantavam, o que não parecia possível, tão perto em frente. Lá o mar começa mais de dentro, digo. Não faz força de ser. Toda a terra é molhada, lá, pelo dentro duma espécie de quartzo complacente, viva amiba.

Que essa é a lembrança em que estou posta do que lá vejo à distância de bonito, nenúfares nos pântanos tão sós, meninos dormindo em panos a tanta cor, as mãozinhas castanho-loiro pousadas no dorso da mãe mexida na garrulice e conversa de gestos, o perfil mindinho da criança e o velo apertado das pequenas cabeças doces contra a pele negro-azul das nucas altas, ornada de voltas de missanga grossa, azul-ferrete, prata de Bafatá fiada pelos dedos furtivos das bancadas de venda do Pilão, homens, a atenção logo amistosa ao olhar de júbilo suspenso que vem da beleza louvada logo das coisas — negra.

Esses cristais em nata na memória, os pássaros de pata alta, brancos, por nomear. 'Como chama, Honório?'. 'Cá sabe.' e o primeiro sorriso de não dizer na língua



própria, de não poder na nossa, minha e dele, vergonha, que língua a das moranças de Bubaque, essa nação por saudar, por saudade, essa íbis?, garças? Esses sinais inscritos na memória dos olhos, tantos, por decifrar em nomes, sons dados. Só se conhece o que se sorri. A luz mudava, afogueados os palmares, debrum da praia, Honório e eu agachados à beira e cata dos bichos-patas, nome novo de caranguejos, essa cerimónia, debaixo do sol alto. Eu não ia ficar.

*No freedom no unity  
without total liberation*

Terra a que amar eu a tive logo, vista do ar alto, rios derramados em braços de árvore de água onde à beira floriam de redondo as tabancas, a logo alegria dos seus tetos corola, rios regos incomensuráveis no verde-verde, arrozais, parda água. Mas as espirais de fumo, esses não. Baixar a Bissau seco, prudentemente. Entre os meus, educados, aflitos, informados. Do fim e ribombar ao longe já de perto. Boatos, bocas. Cidade estropiada de árvores, desencontrada hora, nada a substituir, nem peças nem viveres, ruas-camas de trabalho e álcool de ao pé do cais. Jazz e até Mozart, milicianamente mágoas. Manchas de camuflado e matraquilhos e cerveja em lata. Esses, estes brancos. Desacertados mais que as dez, dez?, etnias.

E era em Bissau um museu de restos artesanais belíssimos, deserto em penumbra de igreja, tecelagem de ráfia centenar, escultura de madeira e barro patinado, solenissimamente apodrecendo na ausência de olhares que o pudessem guardar de vivo. Já não faz mal. Já não é espólio agora. Há coisas vivas, fora, os dedos podem



retomar o tempo próprio, tecer, talhar. Terra, tecidos-tranças e metais na graça. Para ficar à luz do que não vimos, anti-museu. E nós, e nós?

*Nem liberdade nem unidade  
sem a libertação total*

Assim são as coisas da água acaso nela mais pujantes, sobreviveram os grande hipopótamos à migração dos que hão-de retornar, os antigos animais de patas finas e os macacos. Aqui os peixes voam, vêm dar combate aos pássaros carnívoros, as águas e os lodos são fecundos. Terra réptil, macia, exemplar de fluxo e defluxo, indessistente magma. 'Vai mostrar a praia, Honório, Honório mostra.' Honório adiante pois, pelo dentro dessa esfera de vidro em cozedura, restolhando a mata, caminho da transparência, Bissau de arames longe, Honório sabe?, carreiro de terra melosa até à praia, essa Bubaque, o nome, seguindo menino em passo donairoso, nem de pressa.

'De Elvira, lo primero que vi fue la sonrisa y eso es tambien lo ultimo.' Jorge Luís, Borges, que sabemos nós nesta cultura em que vamos morrer, em que nos morre o olhar da profusão de pressas e de arestas? O primeiro que me nasceu de Honório foi o negro adoirado da íris enorme (fixos, finos, sem de choro) a ver-me, o redondo negro e vermelho e azul dos ombros miúdos, só diferentes na boniteza nova da cor de outros meninos meio nus e estarecidos a ver o que de novo está aparecendo, às vezes tão antigo — robertos na praia, peixe em lota, barco ou comboio fundeando, primeira lagartixa, meninos cá, o meu. Não sorria Honório. Via o mais alto visível — que eu, gente pessoa tornada rara coisa, mulher



branca, o via assim e ele eu. Passavam os minutos da espição ao longe, agora eram as minúcias de ver, contentamente a salvo pois que eu também. De sorrir não. A ver. A bem. 'Vai Honório, mostra a praia.' Teu pai? Não sei se era. Mandava. Não íamos, tu e eu, perguntar quase nada de logo-logo e nunca mais. Não era para desafio. Era um querer saber, o ir no alegrar-se mesmo de trocar do longe ao longe. E eu. Sabendo? Menino bijagó, mulher da avioneta — tudo era já estragado. Só que escrita e infância são lados da curiosidade toda. Quem escreve arrecada, criança é para achar. Tudo. Por aí estavam as coisas há muito fazendo-nos mal. Isso o branco no preto. Só que curiosidade de menino e poeta — a encantada mente — é a virtude que mais futura. Não tem os nomes para nada, nem as idades. Vai do estranho ao estranho como de todos nós. Só que ninguém é poeta dos extremos da alegria em terra sitiada e menino inda menos. E eu não tinha o coração então já não em paz senão por essa via, ir em demanda do lento e do amável libertando-se, o algum pousio do muito belo e alheio esperançoso, o cuidado com as mãos em de vagar. E a mesma fala, de morrer, nascente. Ia habitada por dizeres em branco, estridências sem rumo ou ritmo, mecanismos, Bissau branca igual à baixa-Lisboa nocturna, de facto minados todos os acessos, o privilégio denegado e o martírio urbanos de borco no mesmo saco sórdido, mais álcool que viveres, 'vi os melhores espíritos da minha geração', e um exército de milicianos no pre-pânico de quem perde e nunca teve razão.

E a só magnificência dos mercados, a perfeição das calotes das enormes cabaças pulidas, as infindáveis cortinas de panos suspensos a toda a cor, os peixes luzidios e rosados, fileiras cerradas de mercadores aprazíveis e os



costureiros de rua pedalando as velhas Singer envolvidos de panos e mulheres garridas, gráceis, altas de pernas e pulsos finos, tudo num aguardar seguro — essa era a paz que não iria pertencer-nos nunca já: de tanto amar com o corpo os sons e a boniteza das coisas poder vencer sem arrogância, fazer o bom tamanho para as casas e para a vida, o bom trabalho sabido para quê e quem, devagarmente.

'Vai Honório, mostra ali a praia, ele mostra.' 'For there is nowhere to go but in.' E não se pode ir *in* sem *out*. Sem outros. *No se puede vivir sin amar*, Malcom, o debaixo do vulcão, tão mortuária Europa. Eu nadava em algumas línguas destas, portugalmente, quis ir e ir então naquelas terras águas, para alguma coisa me morrer — diziam-me os meus brancos a acenar que mísseis, que minas, que colunas cortadas, tubarões, macaréus. E nasceu-me para sempre um putinho na praia em bijagó calado, guardando, vendo, sentado sobre os pés-escriba. Escrevendo sobre a areia o que assim é:

*No freedom no unity  
without total liberation*

Chegámos lá. Havia uma camisa com cores, um saco transparente com listas de cores na base, três centímetros de turqueza, roxo, amarelo, plástico brilhante, uma toalha com cor. Quem-come fez onde, Honório via se. E um isqueiro verde-críquete. Tudo meus. Honório tinha um calção trístico, castanho fioco. A areia cedia tanto que era novo, tudo novo e a alegria que dava, deserto, singular. Dispor o espaço ali, mostrar o lume a vir do que o menino não chamaria isqueiro, ver o pasmo, o domínio do gesto, o júbilo retido: 'lumi'. Lume. Como



lhe chamaria Honório entre a sua gente, de donde vinha até ao terreiro das casas apartadas para turista-tropa? 'Onde moras, Honório?'. 'De lá'. E fazia o gesto de lá, o sorriso e o olhar na confiança, 'Sinhora quer saiapalha, bonecas? Homem faz.' Trocava, dava recado do seu, o isqueiro seguro nas duas mãos para reentregar solenemente.

Esta é a gente que tece em ramos macios de madeira branca o pássaro e a serpente enlaçados — a árvore da vida em artes que resolvem — os escultores do arquipélago a unir, do arquipélago plácido, os devedores de impostos, os matadores do descobridor. Este menino à beira da amizade. 'Vens à água, Honório?'. 'Cá tem calção'. 'Podes vir sem'. Que é isto? Vi ontem rapazes púberes jogar à bola nus, no desaguar dum trilho de mato num terreiro de morança. Este tão miudinho. Mas não o tinha ofendido. O olho amendoado entregue, só que o rostinho composto na importância: 'Professora não deixa'.

Esse era o lugar de onde ele sabia o pouco da língua em que tínhamos trato. De onde era prometido mais saber como ordem nova e acesso a poderes. Escola-missão. De demolir como? Sede da separação e da diferença, saber Honório os afluentes do Tejo com um só calção pardo entre o corpinho impúbere e as tuas ilhas por ver, teu continente. Disse, 'Deixa lá, vem na mesma', só para dizer da pena que ele não viesse, meu ter filho a muitos mil quilómetros estaria nisso — o levar cria ao sem medo do mar. Ele abanou que não com sorriso, como se ufano em minha honra e mandado. Quem pode dar o diferente sem dar-se? De que direito? Calei-me e fui. Eu não ia



ficar, visita só. Eu não ia ficar a dar-lhe voz, cortada a minha. Eu não ia ficar.

*Nem liberdade nem unidade  
sem a libertação total*

Vou então entrando pela água amornada, os pés já enterrados em matéria grumosa cheia de rumores e esboços de gestos de sombras viscosamente vivas. Não vejo os pés. A água não é clara. Vou e vou sempre indo com grande desencanto na direcção daquele outro promontório de terra, a ilha fronteira, a água ainda pela cinta muitos metros andados. No turvo à minha beira pode ser qualquer animal marinho, circulando, preparando. Volto-me. Lá longe, na lomba da praia, Honório ciranda com um pau na mão, à beira dos meus pertences. Depois senta-se, agacha-se, o tronco entre os joelhos. Fica vendo. Continuo até ao limite de perder o medo por continuar. Sei que nadei para lá do guardador dos trastes preciosos que vinham de outros mundos, meus. Cheia de tristeza e desprazer, exaltada sem tino, mantendo-me onde ainda houvesse pé, voltando sem gosto a avançar para lá, querendo acabar, não querendo acabar, cheia de história. Na vanidade de estar dando a menino de empréstimo a ensinação de não temer os elementos grandes, lumes, águas, limos coalhados dos fundos daqueles lamosos mares, todos vultos, habitados. A incrustada crença de algum modo ser incólume, tão herdada, tão de herdeiros.

Como outrora nadara para chamar bocado de carne meu, filho feito branco, aranho gordo e mal andante de braçitos estendidos à borda de outras claras águas, só que com o coração hoje desencantado de pátrias e palavras vãs, mortíferas, mortais. Ah, pudesse ser troca o trans-



mitir, ser mútua sempre e amante a mostra de perícias, artes, modos de habitar histórias feitas sacras e os herdados nomes. Pudesse ser honrada ainda a diferença, Honório. Pudesse.

*Nem liberdade nem unidade  
sem a total libertação*

Quando voltei ao cimo da praia a luz tinha clareado, outra crueza. Fui-me chegando. Fui-me chegando a escorrer e vi o grande desenho na areia. Parei de estaca. Honório posto em pé, disse:

— Olha.

— Foste tu que fizeste?,

disse eu a dizer por debaixo 'está bem, sossega' à pergunta que ele estava a fazer, presa na força e no perfeito equilíbrio das formas no chão:

Uma mulher, cabelos compridos hirtos numa massa fixa, o corpo de frente, a cara de perfil, olho de barca, as pernas e os braços abertos com as grandes mãos espatuladas de toda a representação de figura humana do arquipélago. Mãos-remo. De uma delas saía uma forma tubular, espécie de falo apontado à terra. 'É pistola'. Na extensão do braço assim armado estava um pássaro enorme, ventrudo, o bico forte. Da mesma altura que a figura de mulher, a natural. As patas eram curtas, irradiando tripartidas, garras.

Foi então uma grande solenidade, como uma comenda que eu estava ali a receber, calada, calados. Honório disse após com muita delicadeza, a vozinha breve, quase desatenta: 'Esta homem vai matar pássaro branco mau'.

*No freedom no unity  
without total liberation*

Mundo tão novo o nosso, para milénios. De sangrar. Até coalhar numa só fala, português derramado.

Nunca mais vejo Honório? Nunca mais esqueço.

Janeiro 1975





# Notas a Honório

## FALA UM

Foi na Guiné? Foi tudo o que viste da Guiné em guerra, essa hipertrofia dum momento histórico, esse registo sentimental da homenagem imprecisa dum cuto preto à alienação pelo culto do colonizador, em zona então despolitizada, os Bijagós? Podias ao menos preparar-te de outro modo, confusão mórbida entre tribalismo matriarcal e dominação branca, indagar da poluição, que cor, que ideologia. E todo quanto podes? Aqueles os besteiros do furriel que tinha estado a desobedecer a Gillego contra o comando deles, do U. P. Porquê não escreves a guarnição de Niacra ao dizeres que os vales e lisectos e cerveja em lata e ração e a macada fosse, o aniversário do milénio, e que se dá tempo a cantar a Internacional com gaita de metais e câmbia Lacoste? Ou o que viste do maltrato dos trabalhadores pretos a cair de bebados de vinho por um alcoolista o camionista com os frades que lê a antologia da Poesia Brasileira, a consciência repressora a almanaca nas ruas, a fé. O futuro, um vitório, que afinal já está sendo. Não havia fome? Não havia sangue? Não sabes amar, escrever de uma perna de mais claro? Centar é divagar, fazer prosa, a verdade obriga. Fala simples.

## FALA DOIS

Porque não calaste? Se há saída pelo fundo. O que fazas agora terá sempre pior destino que o dentes, certo segredo. Não há castiga que soltes que não te queiram assobiar em marcha, teu trito rotívico espécie de grupo socio-doméstico, amestrado. Olha, tinhas um tempo de estufa e nós, os que vamos correndo à boca e sempre ríngua, suspensos, te saudávamos. Que queres do



Notes & Honorio

CD25A

## FALA UM

Foi na Guiné? Foi tudo o que viste da Guiné em guerra, essa hipertrofia dum momento turístico, esse regalo sentimental da homenagem imaginosa dum puto preto já alienado pelo culto do colonizador, em zona então despolitizada, os Bijagós? Podias ao menos pegar-lhe de outro modo, confusão mórbida entre tribalismo matriarcal e dominação branca, indagar da professora, que cor, que ideologia. É tudo quanto podes? Porque não escreves do furriel que tinha estado na deserção de Quilege contra o comando deles, do Q. G.? Porque não escreves a guarnição de Nhacra ao cair da tarde, só valas e insectos e cerveja em lata de resposta se atacada fosse, o aniversário do miliciano, essa dos dez tipos a cantar a Internacional com gaita de beijos e camisa Lacoste? Ou o que viste do outro lado, os trabalhadores pretos a cair de bêbados do salário pago em álcool ou o camionista comissário que lia a Antologia da Poesia Brasileira, a consciência revolucionária altaneira nas ruas, a fé. O futuro sem pitorescos que afinal já está sendo. Não havia fome? Não havia sangue? Não sabes amar, escrever de mais perto, de mais claro? Contar é divulgar, fazer pressão. A verdade obriga. Fala simples.

## FALA DOIS

Porque não calaste? Só há saída pelo fundo. O que faças agora terá sempre pior destino que o dantes, certo segredo. Não há cantiga que soltes que não ta queiram assobiar em marcha, teu trilo volvido espécie de grilo socio-doméstico, amestrado. Olha, tinhas um talento de estufa e nós, os que vamos morrendo à bica e sempre míngua, suspeitosos, te saudávamos. Que queres do



sonho puto preto, teu, que não te tenha que morrer aqui, connosco, esse gosto da vida solta, airada e quente, experimentante do júbilo súbito, que aqui nos azedam antes ou depois de democracias, tanto faz. Não nos há futuro. Não te há. Cala-te ou morre na rua se vier azo disso. Levaste séculos a afeitar-te à custa do muito lazer e labor do que te gerou. Cala-te connosco. Ou diz do lugar que não vais ter, a menos que mentido, conspurcado. A verdade obriga — não haverá religações abruptas no teu tempo de vida — desespera.

### FALAS (A) TRÊS

— O processo de descolonização é fundamental para a construção entre nós de uma sociedade mais livre e mais justa.

— No freedom, no unity, without total liberation.

— Mãe, esse Honório, agora, se eu fosse lá podia ir de canoa, brincar com ele e assim.

— Esta homem vai matar pássaro branco mau.

EM HONRA DE HONÓRIO, ONZE ANOS,  
GUINEU E JOAO AFONSO, ONZE ANOS,  
PORTUGUÊS

FALA DOIS

## Voo de amiga pelos maiores céus

Dizem, que visto do alto é o planeta como uma ilha iluminada, azul e verde na mansidão da sempre noite. Dizem, que há um grande silêncio todo negro, veludo. Dizem, que isso dá um tão grande sossego como ver no repouso do berço a cabeça redonda do filho que se perdo da dor para a confiança. Dizem. Mas só tu, de entre todas as mulheres, poderás contar-nos do que já fomos, do penosamente para onde vamos. Alto, quando se respira mal, que o peito vai pesado, os nervos presos de tubos e metais, o corpo numa espera sem saber se é final — o medo sem pavor, a solidão. Dizem, que o alto e o baixo e os lados perdem razão de ser, mergulhar é subir, doer-se é exaltar-se. Dizem, que nada é mais adiante no humano que esse voo. Das mulheres, só tu foste. Também das terras, pois sobre a terra, foi a primeira a tua a sonhar-se da dor para o sempre visto e ainda e sempre não trilhar.

Benvida sejas, pois a este chão sonda os pés dos marinhos ainda vão de além, e as mulheres se dobram sobre a roupa e os fogos e as cearas. Benvida sejas, pois que há passos dianteiros que nenhuma retirada ou suspensão pode abalar. Um dia, as mulheres seguirão com seus filhos no ventre pelo dentro do ventre do universo. Um dia, seremos um só corpo compassivo e alegre face ao baile de estrelas e um tempo magnífico e hostil que é nossa comum morada. Benvida sejas, Valentina, de um primeiro país e de um primeiro voo. As que vão andar te saudam.

Janeiro 1975



Vos de amigos  
pelos maiores céus

CD25A

TALAN DAS IRMãs

UM BOMBA DE HONORIO, CINZE ANOS,  
GENEUS E ILMO AFONSO, CINZE ANOS,  
PORTUGUESE

## Incitação lírica ao crime legítimo

Dizem, que visto do alto é o planeta como laranja iluminada, azul e verde na mansidão da sempre noite. Dizem, que há um grande silêncio todo negro, veludo. Dizem, que isso dá um tão grande sossego como ver no repouso do berço a cabeça redonda do filho que se pariu da dor para a confiança. Dizem. Mas só tu, de entre todas as mulheres, poderás contar-nos do aonde já fomos, do penosamente para onde vamos. Alto. Dizem, que se respira mal, que o peito vai pesado, os membros presos de tubos e metais, o corpo numa cripta sem saber se é final — o medo sem pavor, a solidão. Dizem, que o alto e o baixo e os lados perdem razão de ser, mergulhar é subir, doer-se é exaltar-se. Dizem, que nada é mais adiante no humano que essa viagem. Das mulheres, só tu foste. Também das terras todas sobre a terra, foi a primeira a tua a soltar-se da dor para o nunca visto e ainda e sempre por trilhar.

Benvinda sejam pois a este chão aonde os pés dos meninos ainda vão descalços e as mulheres se dobram sobre a roupa e os fogos e as searas. Benvinda sejam, pois que há passos dianteiros que nenhuma retirada ou suspensão pode abalar. Um dia, as mulheres seguirão com seus filhos no ventre pelo dentro do ventre do universo. Um dia, seremos um só corpo compassivo e alegre face ao baile de estrelas a um tempo magnífico e hostil que é nossa comum morada. Benvinda sejam, Valentina, de um primeiro país e de um primeiro voo. As que vão andar te saúdam.

Janeiro 1975



Dizem, que visto do alto é o planeta como lanterna liu-  
minada, azul e verde na manidão da sempre noite.  
Dizem, que há um grande albatroz todo negro, veludo.  
Dizem, que isso dá um tão grande sossego como ver no  
reporoso do berço a cabeça redonda do filho que se pariu  
da dor para a confiança. Dizem. Mas só tu, de entre  
todas as mulheres, poderás contar-nos do sonde já fomos,  
do pensamento para onde vamos. Ah! Dizem, que se  
respira mal, que a pelle está pegada, os membros presos  
de tubos e metais, o corpo numa canga sem saber se  
é final — o medo sem terror, a solidão. Dizem, que o  
alto e o baixo e os lados confundiram-se até, mergulhar  
é subir, doer-se é exaltar. Dizem, que nada é mais  
abafante no humano que essa viagem. As mulheres, só  
tu foste. Também das terras fortes sobre a terra, foi a  
primeira a tua a soltar-se da dor para o mundo visto e  
nada e sempre por trilhar.

Beninda sejas pois a este chão donde os pés dos nuan-  
tos ainda vão descalços e as mulheres se doem sobre  
a roupa e os fogos e as secas. Beninda sejas, pois que  
há passos distantes que nenhuma estrada ou suspensão  
pode espalar. Um dia, as mulheres seguirão com seus  
filhos no ventre pelo dentro do ventre do universo. Um  
dia, seremos um só corpo compassivo e alegre face ao  
baile de estrelas a um tempo magnifico e hostil que é  
nossa comum morada. Beninda sejas, Ventania, de um  
primeiro país e de um primeiro voz. As que vão andar  
te saudam.

## Incitação lírica ao crime legítimo

Alguns há cuja passagem é pelo teu lado direito. Correm com suas pequenas rodas trancadas, um por um todos os teus cabelos. Quando peritros, aberto como assombro para as pontas dos dedos torcidas delicadas polpas frágeis e saberão com grande certeza de espírito, sua maior virtude, que não te conheceram. Esses não são os teus inimigos porque não o foram. Se os expulsares do teu convívio ou dier a ti do mundo das nações, tudo isso será ainda da ordem da incitação ou do pavor.

Guarda-te porém dos que te têm pelo lado esquerdo, os corruptos da imitação, comedida dos teus próprios passos, dando-te a jornada por suas próprias trilhas dos frustados, tropeços crônicos, barulhos e subordina que sangra. Guarda-te dos que não são ao ar sem a sua imagem, afagadores subití de espíritos bafejados, os arteiros do opaco. Guarda-te do momento servil que te ofereçam, que outra coisa não é a não escrita e bom gosto da tua escravidão. Guarda-te dos pequenos narradores do tempo que só esses saberão encerrar-te em criptas derradeiras e fazer-te póstumo à obra e inútil à indagação. Não temas os pobres de espírito que jamais poderão destruir teu humilhado reino ainda que te queimem em foguetas e espalhem pela terra os signos altos do teu corpo em escritos desmembrado. Mas teme-te e afasta-te dos médios que se dizem teus familiares. Dos que te estendem os braços hábeis, de tentáculo, tactesantes ágeis de tudo o que sabem do maior, por fricção incalume, fricção só.



Instituição lírica  
so crime legitimo

CD25A

Alguns há cuja passagem é pelo teu lado direito. Con-  
tarão com suas pequenas vozes trémulas, um por um,  
todos os teus cabelos. Quando partires, olharão com  
assombro para as pontas dos dedos volvidas delicadas  
polpas frágeis e saberão com grande correcção de espí-  
rito, sua maior virtude, que não te conheceram. Esses  
não são os teus inimigos porque não o podem. Se os  
expulsares do teu convívio ou eles a ti do convívio das  
nações, tudo isso será ainda da ordem da veneração ou  
do pavor.

Guarda-te porém dos que te vêm pelo lado esquerdo, já  
corruptos da imitação comedida dos teus próprios passos,  
dando-te a jornada por finda. Guarda-te dos fruidores,  
tropeços crónicos, bancários da sabedoria que sangra.  
Guarda-te dos que não vão amar senão à sua imagem,  
afagadores subtis de espelhos bafejados, os arteiros do  
opaco. Guarda-te do mecenato servil que te oferecem,  
que outra coisa não é senão escrínio e bom gosto da tua  
escravidão. Guarda-te dos pequenos marcadores do tempo  
que só esses saberão encerrar-te em criptas derradeiras  
e fazer-te póstumo à obra e inútil à indagação. Não  
temas os pobres de espírito que jamais poderão destruir  
teu humílimo reino ainda que te queimem em fogueiras  
e espalhem pela terra os signos altos do teu corpo em  
escritos desmembrado. Mas teme-te e afasta-te dos  
médios que se dizem teus, familiares. Dos que te esten-  
dem os braços hábeis, de tentáculo, tacteantes ágeis de  
tudo o que sabem do maior: por fricção incólume, frui-  
ção só.



Reconhecê-los-ás pelas flores carnívoras em estufa com que se ornamentam à tua face e que não são do mal, próprio. Reconhecê-los-ás pela denúncia do quase tudo e a renúncia de nada. Reconhecê-los-ás porque tudo neles é prestimoso e empréstimo. Reconhecê-los-ás pela grande mansidão morna em que hão-de escoar-se os teus dias à sua beira sem que nada, nada, possa salvar-te senão a memória agónica do perfeito amor solidário onde hás-de estar posto. Esse, o teu pré-texto.

Sendo assim, mata, expulsa. Nada há de mais pernicioso sobre a terra do que os parasitas da consciência alarmada e desperta, os coleccionadores de nomes e desastres alheios. Mata, porque esses são deveras os mediadores dos tiranos, os partidários da esperança iníqua de que tudo possa ser sem esforço ou danação.

Guarda-te ou não até saberes estas coisas. Se as sabes já, de certo, mata sem qualquer discrição — ressuscitam sempre. Mas que não às tuas mãos, em teu terreno lavrado de signos, os dejectos ácidos do logro, esses onde vingam todo o retrocesso do que há-de prosseguir. Que tu és para matar e ter sobrevivido. Íntegra, textualmente, texto e acto.

# Teorema cultural muito simples

$$2 + 2 = 4$$

(dois anos de trabalho para entender)

$$\sqrt{1,44x} - 3,6\sqrt{16} - 4 - x = 3$$

(dezoito anos de trabalho para entender)

$$GHF = \text{água}$$

(dezois anos de trabalho para entender)

$$S = m^2$$

(vinte anos de trabalho para entender)

«... mas as crianças gritam: Senhor - senhor -  
porque há tanta dor... porque há tanta dor...  
porque há tanta dor...»

AUGUSTO CIL

(oito anos de trabalho para entender)

«às vezes as crianças gritam si, se ficam isoladas  
dentro delas, e então ficam com uma cor absurda  
escravada na garganta.»

HERBERTO HELLER

(vinte anos de trabalho para entender)



Teoria cultural  
muito simples

CD25A

CD25A

CD25A

# Vinte falas portuguesas para uma revolução

1. (oito anos de trabalho para entender)

$$2 + 2 = 4$$

(seis anos de trabalho para entender)

$$\sqrt{1,44x - 3,6} \sqrt{16} - 4 \rightarrow x = 3$$

(catorze anos de trabalho para entender)

2.  $OH^2 = \text{água}$

(doze anos de trabalho para entender)

$$E = mc^2$$

(vinte anos de trabalho para entender)

3.

«... mas as crianças, Senhor

porque lhes dais tanta dor

porque padecem assim?»

AUGUSTO GIL

(oito anos de trabalho para entender)

«As vezes as crianças gritam sobre flores isoladas dentro delas, e então ficam com uma cor absorta encravada na garganta.»

HERBERTO HELDER

(vinte anos de trabalho para entender)



4.

«Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és.»

[PROVÉRPIO POPULAR]

(oito anos de trabalho para entender)

«O homem rico é ao mesmo tempo aquele que tem necessidade de uma totalidade de manifestações humanas da vida. O homem para quem a sua própria realização existe como uma necessidade interior, como uma *carência*.»

KARL MARX

(vinte anos de trabalho para entender)

5.

«Sempre há-de haver ricos e pobres.»

DITO POPULAR E OUTRO

(nenhum tempo de trabalho dá para entender)

«De cada um segundo as suas possibilidades, a cada um segundo as suas necessidades.»

(ainda dura o tempo de trabalho para entender)

6. Desde já se pode fazer entender que nem tudo se pode fazer entender já. Dizer que é um direito a qualidade e tempo de aprendizagem de todas as manifestações humanas do saber — arte e ciência.

Maio 1975

# Vinte falas portuguesas para uma revolução

1. Há quinhentos anos que me assabei de uma arrancada a que não vi o fim.
2. Há quinhentos anos que mudei a cara do mundo para coadivada e amável e fui votado assim a uma vocação prematura e amarga.
3. Porque em soldados e cortes os meus mestres?
4. Empobreci da riqueza dos meus mestres e os meus reis empobreceram da riqueza dos meus soldados.
5. Morreu-me um rei doente e os soldados e crentes não se sentem, embuçados nos pechos dos armarões, embrumado de todos os lados.
6. Há quinhentos anos que não sei acumular senão rompanças, partidas e acertos, guerra.
7. Há quinhentos anos que invento o mundo da gente viva, serpentes sob a pele, capeta.
8. Sempre me elevaram quando foi dito "Há hora". E se gabaram de soldado e crente os meus mestres. Capões de fidalguia corajosamente, instantâneos dos meus braços, capões brados velhos. Sobrias mortes.
9. Há quinhentos anos que sou vendido por dízimo, eu e os do meu sangue espalhado. Por toda a terra. Há quinhentos anos que me levaram para soldado e pai crente em nome de esta terra, arrastado, tremendo.
10. Formas falsas rebates. Aprenda.



# Vinte falas portuguesas para uma revolução

(para usar no trabalho para entender)

... sempre que o tempo é o mesmo tempo aquele que  
... totalidade de uma totalidade de manifestações  
... da vida. O homem para quem  
... uma necessidade como uma neces-  
... necessária interior, como uma orgânica.

HELENA VILHO DA COSTA

(para usar no trabalho para entender)

5. «Sempre há de haver ricos e pobres.»

HELENA VILHO DA COSTA

(para usar no trabalho para entender)

... cada um segundo as suas possibilidades, e  
... cada um segundo as suas necessidades.

6. Desde já se pode fazer entender que não tudo se  
... para fazer entender. Não, não é um direito a  
... qualidade e tempo de aprendizagem de fazer as  
... manifestações humanas de saber — e a ciência.

1975

1. Há quinhentos anos que vivo na vergonha e estou à espera. Há quinhentos anos que me assentei de uma arrancada a que não vi o tino.
2. Há quinhentos anos que mudei a cara do mundo para conhecida e amável e fui votado assim a uma vocação prematura e amarga.
3. Porque era soldados e crentes os meus mestres?
4. Empobreci da riqueza dos meus reis e os meus reis empobreceram da riqueza dos povos metódicos.
5. Morreu-me um rei doente de tão soldado e crente, tão somente, embuçado nos podres de armazém, embrumado de todos nós.
6. Há quinhentos anos que gemo. Não sei acumular senão rompantes, partidas e desleixos, dizem.
7. Há quinhentos anos que mestiço o mundo de gente terna, sapientes sorrisos, espera.
8. Sempre me alevantei quando foi dito 'É hora'. E se gabaram de soldados e crentes os meus mestres. Capões de fidalguia engalanada, marchantes dos meus braços, capados frades velhos. Sóbrias mortes.
9. Há quinhentos anos que sou vendido por dócil, eu e os do meu sangue espalhado. Por toda a terra. Há quinhentos anos que me levam para soldado e por crente em nome de esta terra, arrastado, trememente.
10. Foram falsos rebates. Aprendia.



11. Não sei acumular mais que esperança e paciência e brusca valentia. Não sei acumular senão memória e fino trato no receber, no debandar.
12. Porque foram soldados e crentes os meus mestres?
13. Há quinhentos anos que me apostei de vez para o outro lado — o aberto totalmente, a espécie, a história, paixão e maresia, contos largos, morar nas alegrias.
14. Nunca amei as leis e os edifícios mais que as carnes e os rostos. Não sei administrar. Porém, gerei furtivamente a abolição das distâncias. Isso pude.
15. Ora que me soergo dizem que vou servir a outros amos. Há quinhentos anos que me trazem ao engano lacaios estrangeirados, gente do tem-de-ser, tenha-paciência. Agora dizem — cimenta a tua liberdade no bem-querer dos visitantes, vamos ser ricos das migalhas dos ricos. Partirão como ratas obesas quando na barca só ficarem os filhos aleijados dos meus filhos. Partiriam como as larvas dos ossos quando este meu punho se não erguesse a saudá-los mas a pedir uso, a enxada negada, a máquina guardada pelos cães.
16. Saiu-me das entranhas o novo mundo dos humildes, a proximidade das pátrias dos pobres. Possuirei a terra acompanhado. Esperar, baixa a cerviz, não é servir. Isso sabemos.
17. Meu ânimo permaneceu canhestro no granjear de bens e sua contagem. Não temo irmãos, hesitantes, traídos, desavindos, buscando novas rotas. Irmãos. De meias de fioco, gravata envergonhada, gosto mau.



De elegantes e a preço, gente de muitas coisas e de pouca fé, esses, meus reles inimigos.

18. Há quinhentos anos que me sentei a sossegar para esta aurora, esta velada de armas impossíveis. Eu que sou de arrancadas e desdêns. Há quinhentos anos que empato os exórdios da Europa a que me civilize, mais um museu cuidado. Nunca me mexo que não seja de vez. Porque só sei andar destinos mores, difícilimas horas, barcas de noz, quadrados diminutos contra impérios. Seguir inverosímeis capitães.

Porque foram soldados e crentes os meus mestres?

Sei. Retomo e restauro, agora certamente. Não mais me estranharão as nações os descalabros e a paciência. Porque ora são dos últimos soldados e novíssimos crentes os meus mestres, gerados de meus erros, chagas, espera, centenar movimento, força a armar-se, Agora vou.

19. Porque são soldados e crentes os meus mestres. E dizem

‘Tua pátria não é do estar aqui cerrado — é parir outras. Teu destino não é a tua geografia cevada por gatunos sorridentes. Tua história é louca e assestada para o mais — sextante e setestrela. Tens de novo um encargo terrível e ameaçado no coral do mundo. És o espinho de ouro cravado no lombo coriáceo do Ocidente’.

20. Agora vou, de novo cândido sem perda e certo de alma.

Porque são soldados e crentes os meus mestres.

Maio 1975



Delegados e a pouco gente de muitas casas  
de pouco tempo, meus velhos amigos

18. Há quinhentos anos que me senti a assegurar para  
estas anotações, este relato de amara, impossível  
Eu que sou de antanho e de agora. Há quinhentos  
anos que o campo de estudos da Europa e que  
meu trabalho, mas um pouco de estudo, mas me  
meu que não seja de vez. Porque se não andar  
destinos novos, dificuldades, horas, horas de nos  
guardados durante contra império. Seguir inve  
estimar, com  
Porque não ando e contra os meus amigos?

19. Retorno a este ponto certamente. Não mais  
outras estações de trabalho e a paixão  
eu. Porque eu não sou o mesmo, não sou o mesmo  
mas estas as vezes, quando de meus erros,  
as coisas, estas coisas, estas coisas, estas coisas,  
Agora vou

19. Porque são soldados e outros os meus amigos  
a dizer  
Um país não é de estar só, certo — é  
para outras. Um destino não é uma história  
cavada por algumas histórias. Um destino é  
luz e assistência para o mais — certeza e seles  
tudo. Tem de novo um encargo feliz e amara  
cada no coral do grande. É o destino de ouro  
estavado no tempo com o destino

20. Agora vou de novo cá, sem perda e certo  
de mais  
Porque são soldados e outros os meus amigos.  
Muito mais

# Subsídio para uma restauração do corpo da língua\*

'Porque toda a sociedade  
que se liberta realmente do domínio estrangeiro  
retoma os caminhos ascendentes da sua própria cultura,  
a luta de libertação  
é sobretudo um acto cultural'.

AMÍLCAR CABRAL,  
O PAPEL DA CULTURA NA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA,  
JULHO DE 1972

'Como se irá um dia mobilizar este mesmo povo,  
e um dia será necessário,  
se se lhe fala de imperialismo  
— o que pouco lhe diz —  
e não se lhe conta em pormenor o que isto é  
— o que muito lhe diria!'

JOÃO MARTINS PEREIRA,  
CARTA ABERTA A MELO ANTUNES,  
MARÇO DE 1975

\* Texto apresentado ao  
I Congresso dos Escritores Portugueses



Subsidio para  
uma estatuação  
do corpo da lingua\*

CD25A

Como se fita um dia melhorar este mesmo povo,  
e um dia necessário,  
se se fita de melhorar  
— o que posto fita fita —  
o não se fita certo em qualquer o que isto é  
— o que muito fita fita!  
TODAS MANEIRAS GERAIS  
CARTA ANTES A REES ANTES  
MARÇO DE 1975

\* Texto apresentado ao  
I Congresso dos Eschtores Portugueses

Forço-me a falar diante desta assembleia. Porque fazê-lo é reconhecer-me, acaso finalmente, como uma de entre vós, e mais: como tendo algo que considero tempo de vos dizer claro.

Até estas horas novas, sempre me recusei definir-me face à sociedade portuguesa como exercendo nela a função de escritora. A palavra escrita não podia ser o instrumento da minha função social *reconhecida*, pois que a minha história pessoal a erigira o meio privilegiado do sentimento de clandestinidade e resistência radicais, acaso pequeno, burguês, um dia a suicidar. Se o quisessem, e eu hoje sei-o, a palavra escrita, lida e escrita, permanecia para mim o lugar da consciência simultaneamente alienada e desperta para um devir totalmente significativo. Não sou escritora, dizia, distorcia a escrita até ao limiar do possível, não me definia por aí, ainda quando o quotidiano, o vosso reconhecimento, a demonstração por absurdo de um processo por abuso da liberdade de escrita *cocasse*, tudo tendia a conter-me nos limites dessa função, nomeada, uma mais. Hoje sei e aceito que o problema é entre mim e a linguagem, entre a minha identidade pessoal e essa dimensão constitutiva da identidade nacional de nós todos que é a língua portuguesa. E dele venho dar-vos parte, porque o creio hoje presente em todos nós.

Foi pela palavra lida em silêncio autista *sob* a multiplicidade de códigos estridentes e contraditórios à minha volta que forjei em criança as armas do confronto sub-



versivo, tão pouco e tanto, com a classe e castas onde me era feito um lugar fechado, servido por palavras feitas. Ao lado da rua, onde os dizeres eram outros, para dentro dos livros que remetiam, indissociavelmente, para o indizível e para a explicitação. A linguagem lida, independentemente do conteúdo, era a *outra linguagem*, suporte do discurso do outro imaginário, do outro possível, do outro eu, dos outros outros. Como era subversivo, enquanto trajecto, treino, ler então assim a mofenta Condessa de Ségur! Do ler histórias ao contá-las há um passo que ratifica para sempre uma convicção perigosíssima — a realidade que nos dizem pode ser falseada. É preciso estar atento. Pela prática da leitura e escrita sem suportes sociais imediatos ratificadores, eu soube então, definitiva embora informemente, que a realidade *dada* se pode modificar. Isto é, tendo como firme posição infantil a perplexidade perante códigos dissonantes, suspeitei de vez que não só havia de haver outros, como que era possível criá-los. Porque ao querer dar parte então aos meus desse incipiente modo de experimentar, encontrei estranheza e formas subtis de receio, algumas vezes já lisonja. Como hoje. Falavam-me então de talentos, com uma espécie de furor nomenclativo, que não dava para trocas. Foi assim a demarcação inicial de territórios, quando o que eu queria transmitir era tão simples então quanto joelho esfolado ou medo do escuro. Mais tarde havia de saber que o que caracteriza a burguesia é o seu profundo apego ao conhecido.

Por isso acaso, por essa dissonância com as origens que me foi o ler/escrever, um ler/escrever qualquer, indiscriminado, por isso a pouca monta em que tenho hoje as querelas de escola, estilo, modo. Não sou uma criatura literária, no sentido em que a literatura me foi, antes



de o ser, muito mais que desempenho ou aprendizagem pontual de arte ou ofício. Qualquer, mesmo de cordel, foi-me então o cordão mor da mais consciência, fluxo que um dia haveria de desaguar-me na reflexão sobre toda a diferença, toda a produção de bens e de desejo, toda a necessidade, reflexão em palavras ouvidas, lidas, escritas — as coisas a ordenar novamente pelos seus nomes, relações — linguagem matéria e energia manejada para poder sobreviver mutante, que esse é o poder da linguagem — fazer-nos, desfazer-nos, individuos, grupos, pátrias — imersos no mesmo magma vivo dos que não lêem, não escrevem, não são isso — escritores.

Creio que estou aqui a falar-vos do diálogo do poeta com seus polifónicos coros na cidade (uns entenderão isto), da responsabilidade do escritor na reflexão e criação ao nível da superestrutura cultural de uma dada, esta, sociedade (outros entenderão isto, e não serão acaso os mesmos). Comecei pelo umbigo da minha relação com a língua, fala, escrita. Umbigo será coisa aqui entre nós unitária pela singularidade comum do de cada um de todos. A outra será a língua, esta fala nossa em que nos tropeçamos, prolixos, eruditos, ou escrevendo chão. Crentes ou não do engano quando nos dizem sermos os criadores dela — escritores em português.

Menos que como escritora, é como falante, ouvidora, amiga e amante gritando com os meus ou embaladora de criança nesta língua que vos falo. Não sei se sou escritora. Não me há estatuto de especialidade que sossegue. Sei que foi nesta língua que resisti ao que até hoje pretendeu colonizar-me o sentir e o pensar, acaso sem que o conseguisse. Sei que esta língua é património de um povo que há séculos que se não diz face ao poder,



não risca, mantendo-a porém viva, acasalando-a com outros falares. Língua que se foi tornando plangente, embrandecida, murmurada, até que há meses a esta parte grita e trila — estertor de cisne manso ou retomar do urro dirigido ao futuro onde se forjam as língua-pátrias? O risco é, e há sinais, que lhe não demos articulados, justos motes. Perdidos em querelas de parentes pobres face a uma herança incerta, diminuídos pelo vício cortesão e nacional de bajular o alheio, falando pernóstico como nos mandou o império de França e indo às massas com os jeans mentais do uniforme da liberdade made in USA, tementes de resgatar agora para bom fim esse filão fecundo com que os tiranos sempre engodaram este povo — o seu desejo de diferença e arrojo face à Europa — eis que em nome de um realismo que é só pobreza de ver, em nome de uma libertinagem nomeada liberdade, nos rosnamos de alto e difícil à espera que isto sossegue, deixando uma pátria e um exército que muito têm de medieval forcejar pelo desconhecido apertados num cerco, sem palavras que lhes reliquem o esforço às origens, aos mitos mores de uma cultura centenar — a sempre adiada restauração, a crença na missão histórica desusada, a mansa desmesura portuguesa.

Porque só os tarados da história deste povo, os seus tiranos e vendilhões lhe souberam atihar o ânimo, pedir-lhe haveres e corpos para acudir a falsos mestres — Senhor D. Miguel, Sidónio, Salazar, Spínola, que outros éesses mais?, acenando sempre com o mesmo projecto, o desejado projecto nacional, o de redimir um corpo social que se desagrega, se encontra em vias de não mais o ser e não o deseja? Sentimento de identidade nacional humilhada, culposa, dado-chave do todo cultural e ideológico deste povo, quantos crimes se cometeram em teu nome,



quantas políticas de servidão caucionadas. Coisa trágica, que os melhores espíritos de tantas gerações dele desviassem a vista, excepto quando tresloucados ou marginais aos foros públicos da inteligência cultivada. O pensador, o poeta português, salvo raras e as mais das vezes sacrificiais excepções, nasce à fala e ao conhecimento para servir humildemente uma colonização cultural subtil e instalar-se no gáudio sarcástico, no apagado e vil sorriso de si mesmo. Não se pode ser nada, quando o solo debaixo dos pés é um coágulo informe sorvido por outros corpos sociais dominantes de que os que governam são apenas lacaios. Nada de novo é possível erigir sobre o sentimento da irrelevância, da maldição da identidade nacional. Se ao menos fossemos negros, talvez nos fosse mais fácil ler nas nossas ruas da capital, nas nossas roupas e gestos íntimos, nas nossas terras desertadas à força, que estamos em país colonizado e poder ao menos sussurrar 'pátria ou morte' no alvorecer desta libertação nacional em movimento hesitante e ameaçado. Atentos como estamos, quase diria compulsivamente, ao desenvolvimento da luta de massas, às alterações da dinâmica do poder político e económico, ao processo de consciencialização colectiva da relação entre as forças produtivas e o capital, parecemos alheios à dimensão de análise do real social português que nos devia ser específica — a da sua superestrutura cultural e ideológica *interligadas*. Projecto específico português, projecto patriótico, via marítima para o socialismo, já aventam uns, mistificam outros, escarninham alguns. Quem não vê que o é porque o já está sendo? Quem não sabe obscuramente que desde Fernão Lopes esta coisa pública sempre creu em tomar armas por projectos precários, improváveis? Que esta coisa pública segue bem mais animosamente vanguardas que lhe assegurem devir histórico exaltante



que melhoria imediata de nível de vida? Quem lhe diga que seu destino não está tão somente em suas circunstâncias geográficas, o seu solo pobrete, a faixa estreita. E isso, camaradas e compatriotas, é fazer com eles não só as análises correctas das situações concretas, mas as palavras exaltadas para o mudar a vida em Portugal já, as sínteses poéticas de um próximo futuro penoso, mas belo, mas singular, mas resistente, verosímil por um passado tenazmente disponível para a grandeza de ânimo. Para que este povo não vá gemendo sem o saber 'pátria ou morte' com outros povos seus irmãos em luta de libertação, enquanto nós, os seus braços armados de palavras, nos debatemos lucidamente as hipóteses de um internacionalismo muito mais protelário que proletário, quando não nos instalamos na esperança de voltar a cantar com liberdades de sala a fina melancolia da pobreza nacional para exportação na «Europa Livre».

Isso é o onde estamos deveras, no haver de retornar a amar passionalmente a língua-pátria que nos fez. Isso, o temor disso, é o que nos dispersa em falsas querelas de escrever para o povo ou fazer arte de arte. Não se escreve para o povo, escreve-se com o povo ou não. Há que afinar um instrumento e os dedos do consciente até aos limites do possível — e artista e instrumento deverão ser aqui da mesma matéria e energia: o verbo-história português. Esta não é a liberdade, é a libertação. Nem há outra liberdade para o artista que não a de ir libertando-se, libertando. Somos nós os formuladores do informe e mal contido cântico que está pulando no corpo-fala do país. Somos nós os nomeadores do possível e do desejável que não é aqui o provável facilmente. A política de emergência da esperança dita nacional só pode ser nossa. Bastasse isso para unir-nos



cada um com suas finuras ou lhanezas. Bastara isso para glorificarmos já em uníssono um outro desejo nacional que não o de consumir valores e bens importados com que irão tentar-nos. Que clamar pela liberdade abstracta das artes, calando que a liberdade concreta deste país, a sua língua e consciência de ser, pode ainda ser amargadamente hipotecada aos seus credores de sempre e chamar a isso ralação com a Arte, é utilizá-la ao serviço da servidão nacional, vício dos que confundem mundanidade com universalismo, cultura com verniz de garras de fruidor incólume. Que escrever para o povo em afã triunfalista, imitando-lhe mal o falar e o sentir para que estanque a vocação de indagar do difícil e do trabalhado, gorando-lhe no embrião o acesso ao seu próprio e complexo património cultural, é ir em missão de colonizador ratificar-lhe o analfabetismo imposto, sonegar-lhe os instrumentos da criação que ainda não pode, iludir pelo aplauso fácil dos explorados do sentido da vida cultural exigente, a própria impotência de renovar-se. São os que confundem populismo, isto é, popularidade pessoal, com amor ao povo — os caixeiros viajantes da facilidade.

Temos que entender-nos porque sim. Estar fora ou dentro desta grande acometida da heróica arraia miúda que sobrevive e vinga todas as traições e a quem devemos cada minúcia do nosso mais-saber, melhor dito sentir. Que temos a perder, escritores desta língua que se derrama em novidade pelo mundo? Que coisa temos a perder juntos senão a vergonha, o fim da temática da agonia, as grilhetas na língua? Saúdo em vós, todos vós, o júbilo, a esperança e a memória do património literário do meu país. Saúdo em vós, todos vós, a escuta e invenção da fala que este povo vai ter para consigo mesmo nas horas



de crispação no esforço e falta que vão seguir-se — estamos só a escrever *outra* página de história inverosímil. E damos o que for preciso. Como qualquer trabalhador maior da escrita, embrenhado e inseguro no texto finalmente límpido.

Abril 1975

## A gente\*

Falar das relações interpessoais em Portugal de 1975, é como tentar analisar as substâncias de um caldo que teve um mau fim, o que havia antes nas diversas variedades, variedades, castas e classes pouco reconhecidas, mas severo, de dissidentes. Nada mudou, tudo mudou.

Em férias roubadas à boa consuetidão, lição diária (ah, ler mais que os manifestos e propostas de maldigo a promessa feita a ver sobre estas coisas obrigada a cumprir. Um alguns dos intelectuais a vida fosse mais rios, a nossa geração Mas vocês ainda sob uma ditadura de crise bem expandidos no artigo cortado e um ablativo essencial e um telefone vigiado havia sempre romances lidos, um em preparação pessoais, cuidar de ter uma e na casa, falar de cinema, um copo com os amigos toda a manhã seguinte.

\* Texto integrado no número da revista cultural espanhola LITORAL, dedicado à Revolução Portuguesa





Falar das relações interpessoais aqui, neste Verão de Portugal de 1975, é como tentar averiguar das diversas substâncias de um caldo que ferve ao lume. Sabe-se, e mal, o que havia antes nas diversas prateleiras bem separadas, castas e classes pouco tocáveis submetidas a um código oculto, mas severo, de distâncias. Aqui como aí. Nada mudou, tudo mudou.

Em férias roubadas à boa consciência atordoada da revolução diária (ah, ler mais que as notícias, comunicados, manifestos e propostas de reestruturação!), não sei se maldigo a promessa feita a amigo de Espanha de escrever sobre estas coisas, se agradeço o estar ainda aqui obrigada a cumprir. Um dos vícios com que estamos alguns dos intelectuais é esse — o de obrigar-se. Não que a vida fosse muito fácil antes. Mesmo como universitários, a nossa geração não foi propriamente acomodada. Mas vocês sabem como nada é urgente quando se vive sob uma ditadura antiga, bem rodada, com seus sinais de crise bem espaçados no tempo e espaço. Entre um artigo cortado e um abaixo-assinado e um amigo exilado e um telefone vigiado havia sempre tempo para alguns romances lidos, um em preparação, muitos problemas pessoais, cuidar de ter uma aparência solta nas roupas e na casa, falar de cinema, pensar em ir ao cinema, beber um copo com os amigos cada dia mais ácidos e dormir toda a manhã seguinte, domingo. Éramos todos dormentes crónicos ou *voyeurs*, estávamos onde habilmente éramos postos — uma redoma de vidro, um aquário algo



exótico não muito distinto do modo e habitat dos inconformistas de hábito de todo o mundo dito livre. Tínhamos mesmo alguns originais e tímidos e dois ou três suicidas geniais a quem citar com frequência. Surpresas não tínhamos muitas, escrevíamos cada vez menos, pintávamos cada vez mais decorativo, estávamos todos do mesmo lado, o da esquerda e o da liberdade e nada disso era então real como uma parede, vivíamos numa névoa grossa, viajávamos um pouco, estávamos.

Numa manhã não muito límpida a confirmar esses mitos que nos desfaziam e que já nem sabíamos glosar, essa restauração que havia de vir encoberta, saiu-nos para a rua um exército que mal conhecíamos. Depois de algumas hesitações, saem todos ou não saem todos os presos políticos, vêm ou não vêm todos os exilados, a gente, esta gente de que falo, a geração educada dos trinta/quarenta, saiu toda para a rua aos gritos de júbilo no 1.º de Maio. Foi o primeiro e o último dia da Comunhão dos Santos. A revolução veio vindo depois.

A cada crise que se foi seguindo iam aparecendo as diferenças, as surpresas — caras de amigos onde o sorriso se fazia de meia boca, olhos de meia fenda para perguntar 'como podes tu', brados de polémica pelos jornais. Esta gente descobria que liberdade não há só uma, quem arrecada a mais valia, que é zdanovismo. Que há uma democracia impopular. Situavam-se. Coisas que alguns povos aprenderam com sangue, ou com tanta história que foram esquecendo, esta gente sorvia pela primeira vez — escrevia-se/pintava-se todas as paredes e muros, a rádio e a televisão não paravam de estimular como um espelho a agitação política de cada ânimo, a rua



entrava pela casa gritando slogans. Cada vez mais claríssimos. O poder popular é consagrado no estertor dos barítonos solistas do post-eleições. Não há lugar para o supérfluo. Que é o supérfluo? Que é criar? Esta gente entre os trinta e os quarenta está tendo uma agudíssima crise de identidade — Que vai ser de nós? E como há centenas de anos, como sempre, voltam-se para a Europa dita livre, dando, como sempre, o salto por cima dessa Espanha com quem sempre se viveu de costas. O intelectual de trinta, quarenta e mais, bendiziasse antes, amarguradamente crente de que pouco teria a perder se a revolução um dia fosse. Um dia foi, está sendo. Cada dia, se não tem a ganhar, e nem sempre o ânimo é generoso, cada dia mais tem a perder. E pensa então Europa, protestar na marginalidade decente de uma democracia burguesa. A social democracia em liberdade para os seus poetas e malditos bem sucedidos, vernissages e tiragens de vinte mil.

E agora? Que nada está consumado. A luta extrema-se. Mais um ano e saberemos. Agora ainda não. Quem escolheu, escolheu e pode ser sangrento. Não cremos, todas as avançadas têm sido comandadas por grandes massas anónimas que vêm pelas ruas das cidades maiores a desfazer os equívocos. Sem sangue. Poderá ser que estes grandes corpos vivos retenham na memória sem palavras o horror fraticida da vossa guerra civil. A Ibéria é só uma e também o vosso solo estremece. Não há povos de costumes brandos, há uma aprendizagem lenta e dolorosa da eficácia, do cansaço da guerra.

As nossas pequenas casas e igrejas de província continuam muito brancas, há uma grande quietação neste Verão ameno. Há pequenos palácios ocupados que são lavados de alto a baixo com sabão humilde, terras aban-



donadas de há anos e onde o mato crescido até à altura de um homem é arrancado para a sementeira de Outubro. Os grandes hotéis estão desertos, dessa grande praga mortal que nos é lançada pela Europa rica, 'como se atrevem', os criados de dólman muito branco perdem pouco a pouco os gestos servis, na inquietação, na cólera, e esperam, para o outro mês, para o ano, os outros viajantes que hão-de trazer na mão estendida outras formas de vida. Não temos fome ainda. A pequena costureira analfabeta aprende a ler à noite e fiscaliza pela manhã os preços do açúcar e da carne. O emigrante escreve 'quando posso voltar?' e é-lhe dito que aguarde, havemos de alçar pontes e escolas com o trabalho das suas mãos de longe. Soldados rasos vão pelas estradas dizendo 'trazemos esgotos, liberdade, as primeiras letras', e um povo atónito pergunta, comove-se, inquieta-se da maldição dos párocos todo-poderosos. Famílias inteiras desembarcam de olhos espantados de uma África que não reconhecem, num país que não reconhecem, com três estatuas de madeira e duas peles de lagarto para os parentes que lhes estendem o pão e as camas improvisadas na cozinha, no patamar da casa. Negros modestos vêm dizer na celebração das suas festas de independência que somos irmãos. A Europa jovem prepara as suas violas e sacos de dormir, canta em português a solidariedade com uma revolução agora tão próxima, tão pouco exótica, tocável com dois ou três dias de viagem barata.

A gente, esta gente, descobre-se todas as manhãs como de discórdia, grão de areia na engrenagem, outra gente. Ou a mesma gente que se definiu outrora por uma grande capacidade de improviso e resistência na exploração de rotas novas face a uma Europa relativamente estabelecida. A história não se repete, mas é sempre comovente



ver um povo retomar em mãos, com angústia e hesitação e pobremente, os seus próprios destinos, os seus modos preferidos de navegar os ventos da história.

Julho 1975

CD25A





## Uma carta do amor insuportável

Com que embevecimento ou avido contemplo de novo o rosto aberto de meu povo, as suas usas falantes. Quis crer que não haveria então qualquer violência a cometer. Quis querer que os meus amados meus amigos haviam de sair de cara limpa de seus rostos de noite, ocultos de mal estar em chãos forrados, tartamudos de paiz tristes, inteligências. Quis querer que a minha vocação da própria perda que sempre foi causa de minha morte havia de ter nesta hora da minha vida o seu cumprimento. Não me peçam pudores — não me digam que haveríamos de largar de vez os escombros e azulejos de nossas próprias vidas, que isto limparia de vez. Quis crer tão alta esta maré de mutação que os meus não mais a reconheceriam à sobressalto de uma inesperante, como todas as outras. Não está tão mais. Sei que há os que estranham assim na história, na natureza, nos amores e na obra como quem passa um dia em um mercado e chama a isso lucidez e chama a isto fortaleza de ânimo e chama a isso liberdade. Sei que que esses são os mais temidos, os de nascença, os que se lastro a ser largado, a chegar que isto tinha que resgar e não seccará nunca.

Uma revolução rumo à justiça fraterna é o começo da terrível justiça fraterna. Estou onde estou para aprender a vulnerabilidade. Esta seja a desolegância de passarinho enfiado cada vez que a história dos humildes nos arranca da proximidade de um rosto arcado, ombreido e crispado nos seus limites usuais de hesitação, de culpa solitaria. E meu estar antigo que vai ficando onde estão, meus pés para suspensa em espelho impronunciável, é isto a que se



Uma carta  
do amor insportável

CD25A

Uma carta  
do amor insubornável

CD25A



Com que embevecimento ou avidez contemplei de novo o rosto aberto do meu povo, as suas mãos falantes. Quis crer que não haveria então qualquer violência a cometer. Quis querer que os meus amados mais amados haviam de sair de cara limpa de seus retiros de nadas, casulos de mal estar em chãos forrados, fartamentos de pazes tristes, inteligências. Quis querer que a mesma vocação da própria perda que sempre foi causa de os preferir havia de ter nesta hora da minha pátria o seu cumprimento. Não me peçam pudores — acreditei que haveríamos de largar de vez os escombros razoáveis de nossas próprias vidas, que isto limparia de vez. Quis crer tão alta esta maré de mutação que os meus não mais a reduziriam a sobressalto de paixão inconsequente, como todas as outras. Não esta, não mais. Sei que há os que entram assim na história, na amizade, nos amores e na obra como quem passa incólume num mercado e chamam a isso lucidez e chamam a isso fortaleza de ânimo e chamam a isso liberdade. Sei ora que esses são os mais irmãos, os de nascença, o maior lastro a ser largado, a chaga que isto tinha que rasgar e não secará nunca.

Uma revolução rumo à justiça fraterna é o começo da terrível justiça fraterna. Estou onde estou para reaprender a vulnerabilidade. Esta seja a deselegância de pássaro colhido cada vez que a história dos humildes nos arranca da proximidade de um rosto amado, conhecido e crispado nos seus limiares usuais de hesitação, de culpa solitária. É meu estar antigo que vai ficando onde estão, minha pena suspensa um espelho impraticável, é isto a que se



chama o suicídio legítimo, creio. Nenhum horror ou erro necessário será insuportável após uns anos mais de perder pelo caminho o sorriso de amigos como quem perde filhos tenros. Sem gritar traição, sem gritar nada. Perdendo apenas. A aprendizagem da dureza da guerra é pois esta — separar o trigo do joio e não saber-se trigo, definitivamente. Nem ser já o saber-se o que mais conta. Não se perdem irmãos que a própria morte leva.

E achar pela frente gente da rudeza que acolhe e alimenta e espera e desconhece ainda, ou os duríssimos que sabem dor por dor esta miséria — a de perder famílias e amigos num caminho nem certo — apenas comum com os mais pobres, em tudo pobres.

Ah, dêem-se um coração fiel que não pergunte quando, como e sempre — um coração como uma mão gretada de trabalhos, que no entanto dá e dá. Dêem-me um coração fresco e sem meandros de trocas múltiplas, infecundas, facilitadas por irrelevâncias a esquecer. Dêem-me um coração capaz de submergir-se na surpresa. Dêem-me um olhar que fique onde se encontra. Aquele que cega em nome do já entrevisto e prometido. Dêem-me um coração fiel como uma pedra húmida. Um coração que fica onde jurou servir e aprender na pena e na pobreza e na razão e na desrazão. Dêem-me um coração do lado de dentro de um corpo canhestro coberto de cicatrizes nodosas, ferido a cada dia e porém capaz do júbilo de bailar agarrado à terra cada pequena cria, cada pequena colheita. Dêem-me um coração como os soldados de antigamente e os novíssimos guerrilheiros, um coração espesso de crença onde o saber hesita.

Quis querer que haveria para breve uma terra onde os que quero bem estariam bem e eu de bem com eles,



sem sangrar. Assim eu vim para isto com o mesmo coração airado e verde, a implantar.

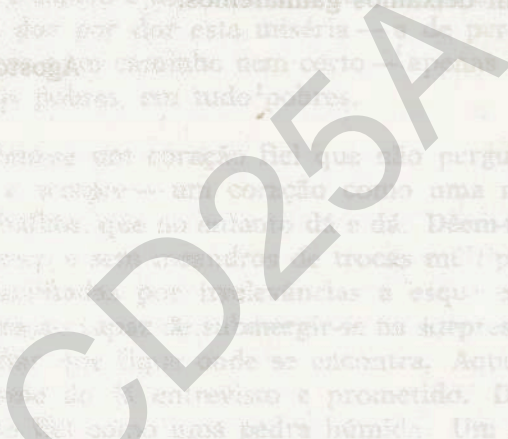
Ah, dêem-nos um coração fiel no que é adverso e levantaremos até os mortos disto e os meninos feridos que deixamos azedando pelo caminho sem outro sustento que o da abundância de pequenos males reparáveis e de coisas e de uma oculta e sábia desesperança. Dêem-nos um coração como uma pátria ou espécie a levantar-se da natureza das coisas vistas, implacável, misericordiosa. E até a quem deixamos ganharemos.

Agosto 1975

sem sangue. Assim eu vim para isto com o mesmo coração  
 cõo-sitado a verde a implantar...  
 Abidem nos um coração fiel no que é advir e levanta  
 tempo até os mortos disto e os mentes fêrtils que  
 deixamos ahabado pelo caminho sem outro sustento que  
 o da abundância de papunos mais repartido e de  
 coisas e de uma orulla e ábia de governar. Não me  
 um coração como uma pária ou espécie a levantar-se da  
 natureza das coisas, talvez, implorável, mas não de  
 Bate o pé em deixam a gubirmentos e o outro a abitar  
 salinas) talvez de...  
 com mundos...  
 ...

quando sempre que eu pergunto quando  
 eada gretada uma mão como um...  
 de... Dêem-me um cora-  
 ... trocas m' /' pias; infecan-  
 ... por... Dêem-me  
 ... Dêem-me  
 ... encontra. Aquilo que roya  
 ... e prometido. Dêem-me  
 ... Uma...  
 ... e a pobreza  
 ... Dêem-me um coração do lado  
 ... sobre de cicatrizes  
 ... e cura: tapar do jubilo  
 ... ora, e da pequena  
 ... de  
 ... um coração que  
 ... saber nada.

... onde os  
 ... de







\* Nota de leitura \*

CD25A

\* Prefácio à segunda edição de  
ENSINO PRIMÁRIO E BIOLOGIA  
de Sara Nova, 1977



Alguns anos passaram e convulsões desde a primeira edição deste volume. Facilmente esgotada e curiosamente não reeditada, atrevo-me a crer que esta coisa, que não é ensaio nem estudo de maior monta, pôs o dedo em crosta importante da mente nacional, mal sarada e mal conhecida.

Relembro o deleite com que então a citavam amigos e desconhecidos, gente que à época estava do mesmo lado — a desconfiança das aberturas do caetanismo, a total rejeição do salazarismo *evoluído*. Devo dizer que breve me dei conta de que os meus parcos comentários eram bem menos excitantes que o facto de ter nisto, à mão, compacta e ordenada por temas, a memória da leitura escolar inicial. As pessoas riam-se como se encontrassem a chave perdida para um enigma actual — aí está a besteira que *todos* debitámos na escola. Aí está o início da impregnação que não mais suportamos — o familismo untuoso, o bucolismo decrépito, a terna colaboração de classes, o irracionalismo patrioteiro, o culto da ordem e asseio, a vocação da assépcia que evita a catástrofe sempre iminente, o academismo pedante, a sufocação pedagógica de que escapámos incólumes.

Suponho que, mais ou menos congeminadas, essas eram então as interjeições da burguesia intelectual que (se) relia. Incólume?

Um ano e um verão de revolução nesta terra dão ao conteúdo destes manuais uma nova carga de horror.



Nenhuma sociedade salta para fora da sua ideologia dominante sem a sofrer, conhecer, rejeitar, em cada acto revolucionário. Quarenta e oito anos de fascismo, dizemos todos, e pensamos em masmorras e repressão policial, menos atentos a essa erosão contínua, a vocação de servir submissamente, inculcada em cada uma das nossas crianças, em cada um de nós. Ou de arrebatarse sem tino para uma morte gloriosa — o ineficaz culto do martírio duma ditadura habilíssima em minar, nos seus pressupostos ideológicos, nas suas estruturas pedagógicas e de propaganda, toda a fonte de prazer da acção contudente e criadora, toda a possibilidade de percepção do risco como fonte de júbilo. Em nome da paz e das virtudes da raça, o brando fascismo português condicionou poderosamente todo um povo para a mais monstruosa das violências — a da sua própria destruição.

É estando atento aos falsos valores a que se tem recurso para atacar o processo revolucionário português, aos vícios que o inquinam e delongam, que estes manuais se revelam pelo que ainda são na mente de cada um dos adultos deste país — a primeira coisa que leram, a única que soletraram, a única que ouviram ler — ameaçadoramente.

De onde vem o horror de mudar? De onde vem o tom épico da confusão de Pátria com Europa, Fé, Ocidente? De onde vem o poder mobilizador das ameaças de catástrofe iminente? De onde vem a vocação do gregarismo clubista e sectário, o terror da palavra espontânea, verdadeiramente fala? De onde vem o conflito aparentemente irreductível entre mártires e doutores, que parece clivar perigosamente o MFA (e o povo?), entre «honestidade» e «competências»? De onde vem a pesporrência



«realista» dos «europeus», a delirância de certos esquerdistas, a rigidez e a reserva de alguns que sabem sofrer? De onde vêm o legalismo esterilizante e o seu exacto contraponto — a violência histórica e descontrolada?

De onde vem cada uma das nossas crenças, actos, modos cridos objectivos de encarar este real em mutação que acaso, nas horas muito graves, mais nos crispa naquilo que ainda somos — adultos que foram crianças e jovens de um país coagido a agonizar sem incomodar. Adultos deminuídos que só um futuro *disruptivo* com o donde vimos pode resgatar.

Valeu-me ao tempo este trabalho o equívoco de ser procurada por pessoas ligadas à pedagogia e literatura infantil. Digo equívoco, porque a percepção discursiva da realidade não me é a via mais natural. E o meu modo preferencial de comunicar por escrito não é a explicitação. Gostaria de ser poeta, creio, e desejo seguir sendo apenas escritora e curiosa em todas as demais coisas, como é próprio do ofício. Este trabalho foi apenas o produto de uma tentativa de compromisso entre a curiosidade e a sobrevivência. Ponta da ponta de véu por levantar, as questões que da sua matéria me ficaram para outras lides são

que superestrutura ideológica mal sabida e combatida nos corrói revolução e revolucionários? Porquê tão frouxa e desconexa a batalha na frente ideológica? Que revolução cultural não pudémos (ainda?) fazer?

Ao tempo em que escrevo estas linhas de reintrodução, a contrarrevolução ateia fogos, começa a matar na rela-



tiva impunidade, sem interrogar-se muito. Que manuais de leitura irão ler as nossas crianças e analfabetos, que valores tem ainda esta comunidade a oferecer à face do mundo e a si própria?

Que fizemos do 25 de Abril — um magnífico arremesso de esperança contra a conformidade dos países próximos ou tão somente o espasmo final antes da diluição final nesse espaço geográfico que nos levou força de trabalho e amor próprio?

Para poder avançar é necessário saber o que se tem. Não um povo despolitizado, mas um povo politizado *assim*, educado *assim*. E nós com ele. Saber que até a resistência a isto terá a marca disto, ao menos ao início. E em nós.

Agosto 1975



## Discurso pobre de Outubro

Desta feita se fôr o teu orgulho, sairás pela manhã das tuas casas onde não terás mais que um quarto de leite para cada um dos filhos menores e pão que baste. Acordarás com o coração na boca, um punho estreito. Ninguém há-de chorar. As tuas mulheres não serão mais lindas pela manhã, deita, com os cabelos desatados e a rede fina das pequenas rugas da vontade na cara de gante. Dizia, pelo mundo. Mais vale ser noivo uma hora que deitar toda a vida. Não há mais nossas casas. Todas rainhas severas por que não há mais há-de doer a sa-cumida e roupas, e não há mais há-de haver jubilo e nas mãos entredadas e no olhar dos meninos para melhores dias — a grande coisa desta revolução é pôr as coisas maiores no seu lugar — o calar dos corpos que eu vestidos sempre e o olhar de olhos a olhos que não se mente, não se pode ver ou tudo está perdido mais com anos. Haverá outras cores e novas modas no diaz. Poderá mesmo se ver misto. Terás que inventar as feições e o novo sentir que não vale caro e isso será uma grande arte nas tuas. Todos serão bons dias esforçados, a vida inteira de porta aberta. Boa coisa é saber nas cercados, saberás então o brilho da tua terra — é contra eles que vem a lembrança de quem somos. Não-de-fazer pomadas e perfumes, cheirarás a ti mesmo. A água limpa, a algum modo. Hás-de arrocadar a que vier das chuvas para acomodar os pequenos peixes vermes-lhos que navegam agora na tua floresta de plástico. Acrescentarás aos domingos as jardins públicos para os teus filhos brincarem de graça. Noite e dia as tuas máquinas não hão-de parar e só os braços. Responde-nas a dormir de dia como os belos animais furtivos caça-

# Discurso popular de Outubro

Que fim levou a 25 de Abril — um momento decisivo de esperança contra a conformidade dos países próximos — em dar somente o espaço final de duração final neste espaço geográfico que nos levou à liberdade e à maior prosperidade?

Para poder avançar é necessário... Não um povo despolitizado, mas um povo politizado, capaz de resistir... É nos momentos de crise que se inicia a mudança.

Agosto 1975

CD25A



Desta feita se ficares só não será por gosto ou orgulho. Sairás pela manhã das tuas casas onde não terás mais que um quarto de leite para cada um dos filhos menores e pão que baste. Acordarás com o coração na boca, um punho estreito. Ninguém há-de chorar. As tuas mulheres não serão mais lindas pela manhã então, com os cabelos desatados e a rede fina das pequenas rugas da vontade na cara de gente. Dirão, pela manhã — Mais vale ser nosso uma hora que deles toda a vida, o chão, as nossas casas. Todas rainhas severas porque onde mais há-de doer é na comida e roupas, onde mais há-de haver júbilo é nas mãos entredadas e no crescer dos meninos para melhores dias — a grande glória dessa revolução é pôr as coisas maiores no seu lugar — o calor dos corpos nus ou vestidos sem luxar, o saber de olhos a olhos que não se mente, não se pode mentir ou tudo está perdido mais cem anos. Haverá outras cores e novas modas no dizer. Poderá mesmo parecer triste. Terás que inventar os folguedos e o novo sentir que não saia caro e isso será uma grande arte nas ruas. Todos serão bons dias esforçados, a cada soleira de porta aberta. Boa coisa é saber-nos cercados, saberás então o bonito da tua terra — é contra eles que vem a lembrança de quem somos. Hão-de faltar pomadas e perfumes, cheirarás a ti mesmo, à água limpa, a algum medo. Hás-de arrecadar a que vier das chuvas para acomodar os pequenos peixes vermelhos que navegam agora na tua floreira de plástico. Acrescentarás aos domingos os jardins públicos para os teus filhos brincarem de graça. Noite e dia as tuas máquinas não hão-de parar e só os braços. Reaprenderás a dormir de dia como os belos animais furtivos caça-



dores, os ginetes e os lobos, quando for a tua vez. Reaprenderás tudo do lado de dentro do teu país que já ninguém compra. Hás-de lembrar como os teus olhos portugueses são serenos por sobre a terra que há-de vir a interrogar-te, as tuas mãos hábeis para os gestos miudos que saram as redes e as feridas. Serás tu a dizer aos teus mestres que te digam quanto carecem todos de trigo para um ano, de pinho para os novos berços e barcos, quanto de aço para a tessitura dos indispensáveis edifícios, quantas pipas para alegrar o coração dos que trabalham. E juntar-te-ás aos teus nos grandes dias de festa em que serão celebradas todas as vitórias e haverá bandeiras vermelhas e verdes porque foste tu que trouxeste frescura a todo o sangue já derramado nesta parte da terra, o antigo continente, por causa do que é justo e bom.

Tens tu coração e ânimo ainda para que assim seja? Porque vão dizer-te ao ouvido e em casa que estando aonde estás, à boca do mar deles, só podes ser criado de casa farta, serviçal. Vão dizer-te que o preço a pagar seria tão alto que durante mil anos mais andarias roto e a pé, tolhido do chicote que tu próprio entregaras aos chefes. Vão dizer-te que ao fim de dez anos de emigrado a trabalhar nas fábricas deles podes ter a tua casa, o teu carro, os filhos doutores. Vão mostrar-te do alto dos cinemas e das televisões deles as fachadas de vidro dos seus arranha-céus luzidios, as suas mulheres com caras de bonecas boas, vão mostrar-te as grandes vias de quatro pistas com os carros de todas as cores, cada um o seu. Vão dizer-te — Para lá do nosso reino é a vergonha, o silêncio, a pobreza, vem para a beira do nosso banquete, afinal és primo pobre e decente e limpo, podes comer na cozinha e herdar o usado.



Vão dizer-te a ti, estudante médio, hoje duas televisões e duas casas por conta e ninguém a quem falar deveras — queres perder a civilização e a cultura? Vão dizer-te a ti, major, fiel à fidelidade e aterrado do país que te caiu nas mãos após tantos anos de ser militar ser tão pouco — queres perder o poder e o prestígio de te dizeres que guardas o ocidente livre, a tua pátria? Vão dizer-te a ti, homem de talento que a ninguém dá contas, os teus pavores nocturnos, a milenar iminência do suicídio, a bica forte — queres perder a grande arte presente no teu quotidiano? Vão dizer-te a ti logista discreto, proprietário envelhecendo sossegado no respeito, pequeno funcionário zeloso no que é seu, só ralado de letras, de impostos, de doença pensada — queres perder a tua segurança? Vão dizer-te a ti, operário bem pago da grande cintura, a vida a subir e o desemprego — queres perder o sustento dos teus? Vão dizer-te a ti, dono de naco de terra, onde vender, a quem pedir para as dívidas — queres perder o que foi ganho com o teu suor? Vão dizer-te a ti camponês sem nada mais que os braços e a tesura de ânimo, chão vivo da terra, mais valente fronteira — queres a fome? Vão dizer-te a ti, mulher que rezas a envelhecer, com os filhos e o marido fora de casa e as amigas cheias de malícias, que rezas para que alguma coisa mude — vão dizer-te — queres que tudo mude? Vão dizer-te a ti, rapazinho criado com primores, indiferença, ameaça da morte um dia pela guerra — queres que nada mude?

Não vão dizer-te que por cada arranha-céus e grande viaduto há nas cidades deles milhares de meninos pretos e brancos estrangeiros que brincam com as ratas dos canos em grandes bairros baixos construídos de desperdícios. Não vão dizer-te que levam a peste e o fogo aos



países tenros de onde arrancam barato a fruta para os seus mercados, a seiva para os milhões de pneus esfaçelados em monturos, o ferro que fazem em armas para voltar lá e matar para trazer mais ferro. Não te dizem que os seus melhores filhos com estudos se deitam dias a fio drogados em cima da cama porque não têm para onde ir que não seja fossar contra os amigos porque essa é a lei deles — ser maior contra todos. Não te dizem que se pode morrer como um cão, de velhice ou raiva, livremente, em qualquer rua cheia, à luz de pleno dia, lá.

Eu vi um lado e outro de algum mundo e isso não tem só que ver com a geografia. Que vais fazer da esperança e do susto com que todos os povos assistem a esta viragem do teu destino? Que vai ser de nós?

Eu vi os outros. Quando se fala de nós têm os olhos muito claros cheios às vezes de lágrimas, às vezes de reserva. Os que mais sabem, de lágrimas, os que mais cargam, de reserva. Têm três ou quatro ou cinco mudas de roupa, não têm frio nem fome, mas a sua memória está carregada de fantasmas sangrentos, de fugas, de silêncio. Estão fechados como numa grande reserva de caça e todos os invernos a neve cobre por inteiro a sua santa terra. Esperam. Os povos da periferia podem cantar e dançar, já assobiam e trilam para outras manhãs, enfeitam as ruas e as casas de cores vivas, vão buscar os seus antigos costumes para resistir ou imitam o inimigo nas tréguas, descansam, os povos de fronteira, as guardas avançadas noutros continentes. Não eles, que ainda pagam. Nenhum povo se levantou na terra contra a tirania que deles não recebesse pão e sangue, arrancado de si, do próprio chão e boca. Nem sei se sabem que são o caroço de aço que deve ficar coeso e incorrupto, toda



a crueza do mundo velho pesando hostile sobre o seu querer viver. Ousaram — pagam. Têm os olhos, a pele e os cabelos muito pálidos. Sempre foram assim, gente que é como círios vivos, capaz de arrebatarse pontualmente e esperar séculos, resistir, penetrados de magníficos vizinhos ávidos, idênticos eles às suas pequenas árvores emblemáticas de folhagem trémula, branca, tenazes. Vítimas? Foste tu a vítima ou a mão da descoberta do mundo? Há horas colectivas que os povos suportam e as que não suportam. Isso os faz. Esses irmãos tão semelhantes teus que ninguém sabe quando se soerguem. Que podem esperar que as tragédias se desenrolem, imoladamente. E virar-se quando tudo parece perdido e só então. Esperam-te, creio. Não pagarão por inteiro a tua própria vida. Isso não vão fazer a outra pobre pátria mãe. Vai ver com os teus olhos limpos a pobreza do que te dizem ser a capital de um império. Não terás fome ou frio e caminharás em ruas que te falam de um esforço seco e duro. Mas não terás vergonha da humildade do teu nascimento. Não terás vergonha da humildade da tua pátria. Não terás outra vergonha que a de não dar mais, tudo, a tua portuguesa minúcia, a alegria. Olharás as inverosímeis cúpulas de oiro e cores inteiras debaixo do sol tímido, a fome e o frio vencidos para todos, os terríveis túmulos vermelhos e as mãos rudes e saberás que está guardada e repetida ali uma grande páscoa para todos os povos caídos.

Já não te resta muito tempo mais. Todos o sabem, de um e outro lado, os povos que se calam graves e os que te gritam. Dás-te conta do que seria teres pela tua mão alevantada a crosta antiga da Ibéria toda contra o alarido deles? Porque não duvides — nossos primos duríssimos de todas as províncias descontentes de Espa-



nha haviam de seguir-nos com sua virulência — não ouves já o mais morrer que deles vem em tua honra, de nós todos, com o teu cravo, neles de sangue, ao peito? Já não nos resta muito tempo mais para escolher. Ou saber se quisémos morrer ou renascer em cada rosto honesto e aflito dos que nos rodeiam, dalguns que dirigem. Que é o morrer de um povo? Só os que vivem severamente nos chamam terra irmã, agora. Que vai ser de nós, último exército crente e humilhado, aqui, povo mentido?

Desta feita, se ficares só, não será por gosto ou orgulho, Sairás pela manhã da tua casa onde haverá um quarto de leite para os teus filhos menores. Os povos não morrem assim. Olha as tuas ruas vivas. Acordarás com o coração na boca, um punho estreito. Ninguém há-de chorar. E de casas muito distantes onde vive guardada e suspensa a liberdade hão-de chegar-te vozes e olhares vivazes — Conta-nos quem és e como fazes de novo. Como se fosses uma pequena nova estrela límpida por cima de um grande, lento e trabalhoso nascimento.

Outubro 1975



# Em honra e lástima de Pedro e Paulo, Pasolini

Esses dois olhos, que não são os olhos padentes, sem gravidade alguma para a vida ou morte é irrelevante, bem faziam para cumprir a tarefa do terceiro — abrir-se para obter ou receber. Toda a que viste tinha a pouca e toda importância do passar e andaste por aqui como anjo de asas bem podadas. Princesas senhores viscondes sempre lambem o belo com a língua de fosse de per si, ou o horrendo. Tu passavas a vida a procura de esplendor e era todo um teatro de aquisição das pequenas rugas, estertores, murchas, ruidos e odores com o corpo. Sua vida era de amores e do ao olho inadmissível, vendo a vida e tudo o que sagrados com uma só virtude — as mãos com barro e unhas de cavar. Mesmo quando os olhos e da face te era a mesma matéria. Tinhas que te fazer ao menos o teu grandiloquente, não diverso, trágico legível, porque isto está tudo desde muito no seu princípio. Tinhas que não saber o que fazias.

Pudera eu e grande plano disso, punha-te um sorriso sem cupidéz ou malícia alguma debaixo da cabeça esmagada pela necessária violência, a tua, a grosseira e fútil e a inocência que há de virar montanhas, pequenezes, a ardente câmara lenta.

Novembro 1975

Em honra e lãstima  
de Pedro e Paulo  
Passolini

Dezesseis dias do mês de maio de 1975, no dia da festa de São Pedro e São Paulo, o Conselho da Câmara Municipal de São Paulo, reunido em sessão pública, deliberou sobre a proposta de nomeação de uma rua em homenagem ao casal de santos, Pedro e Paulo, apóstolos de Jesus Cristo. A proposta foi aprovada por unanimidade e a rua será denominada de Rua São Pedro e São Paulo.

Setembro 1975

CD25A



## Discurso em cravado

Esses dois olhos, que de tão manso e pacientes, sem gravidade alguma para o que do sexo ou morte é irrelevante, bem faziam para cumprir pertença do terceiro — abrir-se para obrar ou receber. Tudo o que viste tinha a pouca e toda importância do passar e andaste por aqui como anjo de asas bem podadas. Príncipes senhores viscondes sempre lamberam o belo como se ele fosse de per si, ou o horrendo. Tu passavas a vista pelo rude ou esplendor e era todo um teorema da pouquidão das pequenas rugas, estertores, milagres mesmos, ruídos e odores com som do corpo. Suas suavidades e amores sós ao olho inadmissível, vendo. Mexeste em tudo o que sagrâmos com uma só virtude — as mãos com barro e unhas de cavar. Mesmo o furar dos olhos e da mãe te era amena matéria. Tinham que te fazer ao menos o fim grandiloquente, feito diverso, trágico legível, porque isto está tudo ainda muito ao seu princípio. Tinhas que não saber o que fazias.

Pudera eu o grande plano disso, punha-te um sorriso sem cupidez ou malícia alguma debaixo da cabeça esmagada pela necessária violência, a tua, a grosseira e finíssima inocência que há-de virar montanhas, pequenezes, a ardente câmara lenta.

Novembro 1975

Esses dois olhos que de tão manso e pacientes, sem gra-  
vidade alguma para o que do sexo ou morte é irrele-  
vante, bem faziam para cumprir portança do terceiro  
— abrir-se para olhar ou receber. Tudo o que vista tinha  
a pouca e toda importância de passar e andaste por aqui  
como anjo de asas bem podadas. Príncipes senhores vis-  
condes sempre lambrava o pelo como se ele fosse de  
per si, ou horrível. As passadas a vista pelo tudo ou  
esplendor e era toda um sistema de pontuação das  
pedras raras, estórias milites mesmas, todos e  
odores com som do corpo. Sua suavidade e amoros são  
ao olho inadmissível, vendo. Mas em tudo o que  
sagrados com uma só virtude — as mãos com parte e  
unhas de carvão. Mesmo o luar dos olhos da mãe te  
era amena tristes. Tinha de te fazer ao menos o  
fim grandioso, feito diverso, truco legal, porque  
isto está tudo ainda muito ao seu primeiro. Tinha que  
não saber o que deixar.

Fudeta eu o grande plano disso, punhate um sorriso  
sem cupidex ou malícia alguma debaixo da cabeça esma-  
gada pela necessária violência, a tua, a grossaria e final-  
sima inocência que há de virar montanhas, pedrueiras, a  
ardente câmara lenta.



# Discurso em cravado

PORTUGUESES PORTUGUESES PORTUGUESES

Socialismo só há um o do Porto e mais nenhum  
venho aqui venho aqui venho aqui

o pinheiro marítimo é uma árvore daqui não  
é de Moscovo

para dizer-vos que para dizer-vos que para dizer-vos  
que se isto não é o povo o povo não está lá  
não é o povo

que nunca que nunca que nunca  
es retornados apovon este Governo

uma maioria uma maioria UMA MAIORIA, apovon o  
[Terceiro Reich

senhor comandante não há tudo mais depressa  
senão que tudo muito mais devagar

PORTUGUESES PORTUGUESES PORTUGUESES

daí ao Papa o que é do Papa  
debaixo da reação  
renascença foi ao ar  
a ditadura é que não

queremos o socialismo queremos o socialismo quero  
[mas o socialismo

voz de libertação: o comandante ome que é pré-  
ciso dizer-lhes que são lacrimogéneas, não há  
perigo nenhum

Discurso  
em travado

CD25A



PORTUGUESES PORTUGUESES PORTUGUESES

Socialismo só há um o do Porto e mais nenhum  
venho aqui venho aqui venho aqui

o pinheiro marítimo é uma árvore daqui não  
é de Moscovo

para dizervos que para dizer-vos que para dizer-vos  
que se isto não é o povo o povo que não está cá  
não é o povo

que nunca que nunca que nunca  
os retornados apoiam o cesto Governo

uma maioria uma maioria UMA MAIORIA, apoiou o  
[Terceiro Reich

pê-yes pê-yes pê-yes  
senhor comandante leia isso tudo mais depressa  
senão tem que ler isso tudo muito mais devagar

PORTUGUESES PORTUGUESES PORTUGUESES

dai ao Papa o que é do Papa

debaixo da reacção

renascença foi ao ar

a ditadura é que não

queremos o socialismo queremos o socialismo quere-  
[mos o socialismo

voz da libertação: ó comandante olhe que é pre-  
ciso dizer-lhes que são lacrimogéneas, não há  
perigo nenhum





# Levantamento da cidade de Lisboa

'E as moças, sem nenhum medo,  
apanhando pedras pelas herdades,  
cantavam, altas vozes, dizendo:  
Esta é Lisboa prezada,  
mirá-la e deixá-la'.

FERNÃO LOPES.  
CERCO DE LISBOA

'Queremos ir buscá-los, desta vil  
Nossa prisão servil:  
É a busca de quem somos, na distância  
De nós'.

FERNANDO PESSOA.  
MENSAGEM





Vocês pagam. Os meus melhores filhos novos foram levados a sujar-se sem honra, ao engano. As minhas ruas foram silenciadas, os meus emissores de som e imagem, boca e olhos de ouvir-me, trocados pelos vossos. Abrigo há gerações o que vocês não podem nem querem — faquistas e ciganos e prostitutas velhas, marítimos e crioulos fugidos à fome. Tudo acoitei na minha barriga de ruas salitrosas, calçadas pretas. Vocês pariam padres e freiras, embiocavam misérias, faziam seguir comboios de sobras de gente, e barcos, conservaram sem brio solares e feitorias de família, encostados ao meu bojo fecundo, amolecida, que nada vos negava. Resisti e abrigava, focos de clandestinos, de inteligência, passagens, de pátria aventureira. Vocês tomavam chá e a bolsa, a terra feita coisa de quintal, o ânimo um bafo de pipa em trânsito. Vocês pagam. Semearam entre os meus soldados jovens a discórdia, pior, a indecisão e a culpa. Negociaram por cima da minha cabeça os vossos ajustes de vinhateiros, negreiros, chulos da rameira que eu vos fui, deixando as minhas artérias latir do vosso berreiro de vitelos de oiro, o meu rossio airoso, as minhas flores e jorros de água cobertos da baba de quem não soube sequer defender o roubado. Vocês pagam. Tomaram-me por fácil, aberta de todos, as ruas desertas de espanto, os meus operários da minha cintura garrida aterrados do silêncio sofrido dos mestres, sem ter onde bater, a quem pedir contas ou acudir. Os meus soldados sem saber de quem. Besta vendida que fui, agachada e de pernas abertas às portas de Belém, enfeitada como a rameira que sou, mas ida por bem, confiada, levando



no avental acudido à pressa o meu melhor, a gente do trabalho a enxugar as mãos pelo caminho, os filhos do sul que me sagraram há centenas de anos cabeça da grei, desmiolada mas liberta, mas santa, mas pronta para toda a alegria, a novidade. Vocês pagam. Tremeram de me ver nua finalmente, coberta de panos vermelhos, a minha gente desfilando com as cabeças martelos de aço colorido, o punho no ar, o meu braço faquista finalmente ao léu. Vocês tremeram, daqui ao Oriente que a minha virtude de arejar vos abriu. Vocês tremeram quando os meus filhos de salário de fome e os meus mulatos vos mijaram em foice os palácios que vocês mandaram construir para as vossas visitas de provincianos ricos. Um por um vocês não-de pagar um só cabelo que ousarem tocar dos que levantaram as mãos a saudar-me, a libertar-me a ventura. Vocês cortaram-me da ala que me fazia com cantos e gritos a limpa namorada da vida reavida.

Vocês calaram-me as vozes, cortaram-me os acessos com mercenários azedos, prometeram-me em falso. Fui posta numa grande noite de quietação e vergonha e palavras ríspidas, sem que nenhum homem se levantasse a dizer-me, 'Louvada sejas, cidade, pela tua crença e hospitalidade sem raias'. Sem que nenhum homem abrisse o peito a dizer-me, 'Foste traída, cidade, toma o meu corpo, para que possas ao menos vestir-te de vermelho diante do riso dos povos'.

Porque vocês tombaram Santiago e Madrid no sangue e na agonia. A mim querem guardar-me na memória dos meus ridícula e indecisa, lembrada como fácil e tacanha, cidade sem tino e lorpa, cantadeira só. Vocês pagam, que a revolução que eu trazia não era só a da justiça.



Todos, todos se calaram perante a minha miséria miúda, a minha crença mentida, os meus flancos de rio industriosos estancados, o tolhimento dos meus bairros de lata, as minhas veias cortadas a doer-se para o sul, traídas, traídos, porque eu, posta como estava na minha festa tonta, nas minhas renovadas alegres forças, deixei que vocês viessem pela calada esquartejar uma por uma as minhas cabeças de prata, os meus melhores filhos tresloucados de uma outra razão e audazes. Vocês pagam. Tenho os olhos enxutos para ver os conluios secretos para silenciar-me. Tenho os olhos enxutos para guardar na memória os que traíram como para salvar-me. Conheço essa palavra e essa lei de ordem. Meio século é quanto basta. Guardarei um por um os nomes dos que fecharam as portas das minhas ruas, das minhas casa, das minhas noites. E tardarei menos, porque estava pronta quando vieram estorvar-me.

Eu sou aquela assente sobre rocha preta, chão de convulsões. Eu sou aquela que gerações de homens sem terra pagaram com sangue para consolidar. Não foram ingleses e lojistas e feirantes os que me erigiram assim airada e vulnerável por cima de colinas. Fêmea serei, mas em cada uma das minhas velas há duas mil facas e línguas com lembrança. Mãe desleixada serei deles, mas os braços pretos que me levantam novos bairros e me pintam com roupas os jardins de domingos hão-de saber mandar recado aos seus do que em mim lhes é desfeito. Madrasta serei dos que me moram nas bermas, mas ai dos tetos das vossas casas quando eles vos pedirem contas da mordança na minha boca. Mãe escassa serei dos que me atam a nova cintura de vermelho vivo, mas ai de vós quando esses me vierem enxugar a cara das lágrimas de alegria que vocês me estancaram de luvas e que hão-de



correr de novo à vossa queda debaixo destes pés. Rameira serei de todos os portos, mas esperem pela volta da navegação que de outras paragens aqui trazia recados da esperança, esperem pela cólera desgovernada.

Porque eu dormia e vieram cantar-me que tudo era possível, já. Porque eu sonhava e vieram dizer-me a liberdade, já. E quando acordei da madrugada, dizem — mas pouco, mas nada.

Foram longe de mais e muito curto. Clamei por mestres meus e só achei inocentes desavindos e emissários tristes. Vocês pagam, que já está pronto o tempo para o que venha do meu corpo, em nome meu, ganha a paixão e a manha. Eu sou a bem amada de quem não tem a perder mais que a alegria duma pátria-ponte, duma cidade aberta, capital improvável.

Foram longe de mais. Nem um mês, nem um ano, nem um século decorrerão sem que vos roa um a um as entranhas e pague com a pior peste a ousadia de cercar-me à traição, de limitar-me a voz, os acessos, a vida. Pela voz de todos os que aqui feneceram de excessos e ardores, os meus poetas, os meus desmesurados de sempre, os meus cidadãos da aventura, os grandes viajantes, eu vos amaldiçoo. Um por um vos hei-de corromper do desastre lento, da aventura adiada. Eu não sou a cidade de origem, eu sou a tomada na ida, a reconquistada dez mil vezes com um farnel e um saco de pano, a donde se vem a mudar vida, a nossa. Vocês pagam. Esta é uma maldição lançada aos reles da ressurreição da minha história. As minhas janelas hão-de abrir-se de novo a escarnecer usurpadores a soldo, a cuspir-vos para esse país exterior de rezas e mezinhas sem luz nem ar onde



conservais os vossos trastes e cagais sentenças e ditadores em nome do bom senso. Eu sou a cabeça da terra dos que mais tentam a morte que tal sorte. Eu duro na aventura desventurada, o menor mal. Vocês pagam.

Eu sou feita de tantas raças, eu podia abrir aqui uma porta de sorrisos do mundo e paz travessa, se me houvésseis sustentado de cravo sem sangue a rosa de todas as brisas, de todos os mares. Eu podia, eu, arma branca. Estenderei do meu bolbo de rocha preta um coágulo onde atolar-vos e à vossa pouca fé, pequenos europeus, côrte final de eunucos. Vocês pagam.

Dezembro 1975

A relação entre o homem e a mulher  
é a relação imediata, anterior e posterior  
do homem com o homem.

KARL MARX

consentiu os vossos fructos e cegas sentenças e dilato-  
 res: o nome do bom senso. Eu sou a cabeça da terra  
 dos que mais tentam a morte que a vida. Eu sou  
 na aventura das venturas, o menor mal. Vozes pagam.

Eu sou feita de tantas peças, eu podia abrir aqui uma  
 porta de saídas do mundo e dar a todos, se me hou-  
 vesse assistido de trave sem sangue e rosa de todas  
 as brisas, de todos os mares. Eu podia, eu sima branca.

Estenderei do meu bolso de rocha preta um coqueito  
 onde atolar-se a voz, porque lá, pedras e pedras,  
 este final das coisas, vozes pagam, vozes pagam.

Dezembro 1915

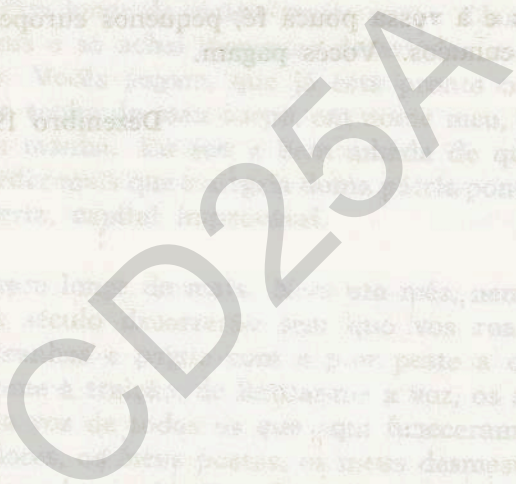
o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,

o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,

o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,

o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,

o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,  
 o que não me dá a vida, o que não me dá a vida,





# Revolução e mulheres

## I. RECONSTITUIÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO

Elas são quatro milhões, o dia nasce, elas acendem o lume. Elas cortam o pão e aquecem o café. Elas picam cebolas e descascam batatas. Elas amigam sementes e restos de comida, azeda. Elas tiram a roupa do escuro os homens e os animais e as crianças. Elas enchem lanternas e farros e pastas de escola com lã e buchas e fruta embrulhada num pano limpo. Elas lavam os lençóis e as camisas que não de suar e de lavar. Elas esfregam o chão de joelhos com uma pedra de sabão e cabão amarelo e corrom com os insetos. Elas não sabem adoe- cer de seus enquanto dormem. Elas não sabem os mercados e peças por mais barato. Elas não sabem os centavos. Elas enfiavam e enfiavam melhas em suas mãos de suor com as lãs que não de manchar no chão. Elas não sabem as comidas que elas fazem. Elas vêm com um cantaro de água à cinta e um molho de faveiras na boca. Elas limpam as bias e as rãs e os coelhos e os currais. Elas acendem o lume. Elas amam homens. Elas descascam o fundo dos tachos. Elas não sabem as calças e camisas e outra vez meias. Elas arrastam o fogo com palhas de aço. Elas calcurreiam a cidade a pé e à chuva porque naquele bairro os macacos são caros. Elas correm esbafadas para não perder o cambajo, o barco. Elas pensam e casto e abrem a porta com a mão vermelha. Elas pegam a tranca no palheiro. Elas enterram o dedo miúdo na galinha e ver se tem ovo. Elas acendem o lume. Elas não sabem o que é a relação imediata, natural e necessária do homem com o homem. Elas não sabem os pratos. Elas não sabem a borda da pa-

A relação entre o homem e a mulher  
é a relação imediata, natural e necessária  
do homem com o homem.

KARL MARX

91111  
/

# Revolução e mulheres

CD25A

A relação entre o homem e a mulher  
é a relação íntima, natural e necessária  
do homem com o homem.

KARL MARX



## 1. RECONSTITUIÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO

Elas são quatro milhões, o dia nasce, elas acendem o lume. Elas cortam o pão e aquecem o café. Elas picam cebolas e descascam batatas. Elas migam sêneas e restos de comida azeda. Elas chamam ainda escuro os homens e os animais e as crianças. Elas enchem lancheiras e tarros e pastas de escola com latas e buchas e fruta embrulhada num pano limpo. Elas lavam os lençóis e as camisas que hão-de suar-se outra vez. Elas esfregam o chão de joelhos com escova de piaçaba e sabão amarelo e correm com os insectos a que não venham adoecer os seus enquanto dormem. Elas brigam nos mercados e praças por mais barato. Elas contam centavos. Elas costuram e enfiam malhas em agulhas de pau com as lãs que hão-de manter no corpo o calor da comida que elas fazem. Elas vêm com um cântaro de água à cinta e um molho de gravetos na cabeça. Elas limpam as pias e as tinas e as coelheiras e os currais. Elas acendem o lume. Elas migam hortaliça. Elas desencardem o fundo dos tachos. Elas passajam meias e calças e camisas e outra vez meias. Elas areiam o fogão com palha de aço. Elas calcorreiam a cidade a pé e à chuva porque naquele bairro os macacos são caros. Elas correm esbaforidas para não perder o comboio, o barco. Elas pousam o cesto e abrem a porta com a mão vermelha. Elas põem a tranca no palheiro. Elas enterram o dedo mínimo na galinha a ver se tem ovo. Elas acendem o lume. Elas mexem o arroz com um garfo de zinco. Elas lambem a ponta do fio de linha para virar a camisa. Elas enchem os pratos. Elas pousam o alguidar na borda da pia



para aguentar. Elas arredam a coberta da cama. Elas abrem-se para um homem cansado. Elas também dormem.

## 2. REPRODUÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO

Elas vão à parteira que lhes diz que já vai adiantado. Elas alargam o cós das saias. Elas choram a vomitar na pia. Elas limpam a pia. Elas talham cueiros. Elas passam fitilhos de seda no melhor babeiro. Elas andam descalças que os pés já não cabem no calçado. Elas urram. Elas untam o mamilo gretado com um dedal de manteiga. Elas cantam baixinho a meio da noite a niná-los para que o homem não acorde. Elas raspam as fezes das fraldas com uma colher romba. Elas lavam. Elas carregam ao colo. Elas tiram o peito para fora debaixo de um sobreiro. Elas apuram o ouvido no escuro para ver se a gaiata na cama ao lado com os irmãos não dá por aquilo. Elas assoam. Elas lavam joelhos com água morna. Elas cortam calções e bibes de riscado. Elas mordem os beiços e torcem as mãos, a jorna perdida se o febrão não desce. Elas lavam os lençóis com urina. Elas abrem a risca do cabelo, elas entrançam. Elas compram a lousa e o lápis e a pasta de cartão. Elas limpam rabos. Elas guardam uma madeixita entre dois trapos de gaze. Elas talham um vestido de fioco para uma boneca de papelão escondida debaixo da cama. Elas lavam as cuecas borradas do primeiro sémen, do primeiro salário, da recruta. Elas pedem fiado popeline da melhor para a camisa que hão-de levar para a França, para Lisboa. Elas vão à estação chorosas. Elas vêm trazer um borrego à primeira barraca e ao primeiro neto. Elas poupam no eléctrico para um carrinho de corda.



### 3. PRODUÇÃO

Elas sobem para cima de um caixote, que ainda são pequenas para chegar à bancada de descamar o peixe. Elas mondam, os dedos tolhidos de frieira e urtiga. Elas fazem descer a lâmina de cortar o coiro. Elas sopram nos dedos a aquecê-los, esfregam os olhos, voltam a pôr as mãos por detrás da lente a acertar os fios da matriz do transistor. Elas espremem as tetas da vaca para o balde apertado entre as pernas. Elas fecham num dia as pregas de papel de mil pacotes de bolacha. Elas acertam em duzentos casacos a postura da manga onde cravar o botão. Elas limpam o suor da testa com a manga e a foice rebrilha ao sol por cima da cabeça e da seara. Elas ouvem a matraca de dez teares enquanto a peça cresce diante, o fio amandado de braço a braço aberto. Elas cortam os dedos nas primeiras vinte cinco latas até calejar bem. Elas fazem a agulha passar para cá e lá em cruz na tela do tapete. Elas vigiam a última fieira de garrafas, caladas, à espera da sirene. Elas carregam o cesto de azeitona à cabeça já sem cantar, até que o sol se ponha.

### 4. SERVIÇOS

Elas carregam no botão da caixa e fazem quinhentos trocos miudos. Elas metem a cavilha, dizem outro número e passam a vigésima chamada. Elas mexem panelões que lhes chegam à cinta. Elas descem doze caixotes de lixo já noite fechada. Elas fazem todas as camas e despejos de uma família alheia. Elas picam bilhetes metidas numa caixa de vidro. Elas batem à máquina palavras que não entendem. Elas arquivam por ordem alfabética duas mil



fichas e vinte e cinco ofícios. Elas vão outra vez buscar a gaveta das luvas para o balcão a ver se há aquele verde. Elas aspiram do pó antes das nove doze assoalhadas e cento e dez degraus de alcatifa. Elas entram na praça manhã cedo, já vindas do lota ajoujadas com o peixe para as bancadas. Elas acertam as bainhas de joelhos, a boca cheia de alfinetes. Elas põem trinta e duas arrastadeiras e tiram sessenta temperaturas. Elas pintam unhas de homem. Elas guardam sanitas e fazem renda em pequenos cubículos sem janela.

## 5. TRANSMISSÃO DE IDEOLOGIA

Coisas que elas dizem:

- Se mexes aí, corto-ta.
- Isso não são coisas de menina.
- O meu homem não quer.
- Estuda, que se tiveres um empregozinho sempre é uma ajuda.
- A mulher quer-se é em casa.
- Isto já vai do destino de cada um.
- Deus não quiz.
- Mas o senhor padre disse-me que assim não.
- Dá um beijinho à senhora que é tão boazinha para a gente.
- Você sabe que eu não sou dessas.
- Estás a dar cabo do teu futuro com uns e com outros.
- Deixa-te disso, o que é preciso é sossego e paz de espírito.
- Comprei uns jeans bestiais, pá.



- Sempre dá para uma televisão daquelas novas.
- Cada um no seu lugar.
- Julgas que ele depois casa contigo?
- Sempre há-de haver pobres e ricos.
- Se tu gostasses de mim não andavas com aquela cabra a gastar o nosso.
- Põe o comer ao teu irmão que está a fazer os trabalhos.
- Sempre é homem.

## 6. PRODUÇÃO DE DESEJO

Elas olham para o espelho muito tempo. Elas choram. Elas suspiram por um rapaz aloirado, por duas travessas para o cabelo cravejadas de pedrinhas, um anel com pérola. Elas limpam com algodão húmido as dobras da vagina da menina pensando, coitadinha. Elas escondem os panos sujos de sangue carregadas de uma grande tristeza sem razão. Elas sonham três noite a fio com um homem que só viram de relance à porta do café. Elas trazem no saco das compras uma pequena caixa de plástico que serve para pintar a borda dos olhos de azul. Elas inventam histórias de comadres como quem aventura. Elas compram às escondidas cadernos de romances em fotografias. Elas namoram muito. Elas namoram pouco. Elas não dormem a pensar em pequenas cortinas com folhos. Elas arrancam os primeiros cabelos brancos com uma pinça comprada na drogaria. Elas gritam a despropósito e agarram-se aos filhos acabados de sovar. Elas andam na vida sem a mãe saber, por mais três vestidos e um par de botas. Elas pagam a letra da moto ao que lhes bate. Elas não falam dessas coisas. Elas chamam de noite nomes que não vêm. Elas ficam absor-



tas com a mola da roupa entre os dentes a olhar o gato sentado no telhado entre as sardinheiras. Elas queriam outra coisa.

## 7. REVOLUÇÃO

Elas fizeram greves de braços caídos. Elas brigaram em casa para ir ao sindicato e à junta. Elas gritaram à vizinha que era fascista. Elas souberam dizer salário igual e creches e cantinas. Elas vieram para a rua de encarnado. Eles foram pedir para ali uma estrada de alcatrão e canos de água. Elas gritaram muito. Elas encheram as ruas de cravos. Elas disseram à mãe e à sogra que isso era dantes. Elas trouxeram alento e sopa aos quartéis e à rua. Elas foram para as portas de armas com os filhos ao colo. Elas ouviram falar de uma grande mudança que ia entrar pelas casas. Elas choraram no cais agarradas aos filhos que vinham da guerra. Elas choraram de ver o pai a guerrear com o filho. Elas tiveram medo e foram e não foram. Elas aprenderam a mexer nos livros de contas e nas alfaias das herdades abandonadas. Elas dobraram em quatro um papel que levava dentro uma cruzinha laboriosa. Elas sentaram-se a falar à roda de uma mesa a ver como podia ser sem os patrões. Elas levantaram o braço nas grandes assembleias. Elas costuraram bandeiras e bordaram a fio amarelo pequenas foices e martelos. Elas disseram à mãe, segure-me aqui os cachopos, senhora, que a gente vai de camioneta a Lisboa dizer-lhes como é. Elas vieram dos arrebaldes com o fogão à cabeça ocupar uma parte de casa fechada. Elas estenderam roupa a cantar, com as armas que temos na mão. Elas diziam tu às pessoas com estudos e aos outros homens. Elas iam e não sabiam para aonde, mas que iam.



Elas acendem o lume. Elas cortam o pão e aquecem o café esfriado. São elas que acordam pela manhã as bestas, os homens e as crianças adormecidas.

Dezembro 1975

de amigos amados

CD25A

amor que nos devolve tudo a que perdemos  
amor da grande cidade povoada de pessoas  
que se amam

MANUSCRIPT DE VANDERBILT

deglutiam o leite. Elas cortam o pão e aquecem o leite estirado. São essas que acordam pela manhã as bestas, os homens e as crianças adormecidas no estimo.

Dezembro 1972

Elas fizeram greio de bracos caídos. Elas brigaram em casa para ir ao trabalho e a junta. Elas gritaram à vontade que era feição. Elas quiseram dizer salário igual e orcos e cantinas. Elas vieram para a rua de encruado. Elas foram pedir para se fazer uma estrada de alcatrão e passos de água. Elas quiseram muito. Elas escheram as ruas de cruado. Elas foram à mãe e à sogra que isso era muito. Elas quiseram alentejo e sopa aos domingos e à rua. Elas foram para as portas de entrada com os filhos ao lado. Elas quiseram falar de uma grande mudança que ia entrar por essas. Elas choraram no mês seguinte aos filhos que tinham da guerra. Elas choraram de vez em quando a guerra com o filho. Elas tiveram medo e foram a não torcer. Elas aprenderam a fazer pão vivo de cruado e muitas das herdeiras de trabalho. Elas choraram em quatro um papel que levava dentro uma cruzinha lebrônica. Elas sentaram-se a fazer à mesa de uma mesa e ver como podia ser seto os pães. Elas levantaram o braço nas grandes assembleias. Elas costuraram bandeirolas e bordados amarelos e azuis. Elas fizeram à noite, seguram aqui os cachepos, senhora, que a gente vai de camioneta e Lisboa dizelles como é. Elas vieram dos arcebispos com o fogão à cabeça ocupar uma parte de casa fechada. Elas estendem roupa a cantar com as unhas que tem na mão. Elas dizem fi de pessoas com estudos e aos outros homens. Elas não são não sabem para onde, mas que um.



# Cantigas de amigos amados

'amor            amor humano  
amor que nos devolve tudo o que perdêssemos  
amor da grande solidão povoada de pequenas  
   figuras cintilantes.'

MÁRIO CESARINY DE VASCONCELOS (1)

de amigos antigos  
Castigas

CD25A

- (1) «As citações que precedem cada texto, embora se lhes perceba uma certa intencionalidade de referência a um tema ou a um clima linguístico, são de facto inoperantes (supérfluas)». — M. Gusmão, 'Maina Mendes', in *Jornal de Letras e Artes*, 1970.



ALZIRA

ADALBERTO

Quando éramos pequenos não sabíamos que íamos ser tão pequenos. Ficámo-nos tão gratos para sempre. De cachorro perfeito de um deus que dá bons corpos e ferocidade ainda estás crescendo, à tua estátua. Vais ter mais vinte anos de meninez e sem desgraça visível, bem amado como uma promessa. Mas o coração está-te cada vez mais grosso e forte na cara, indesejante. Não é a alegria que te espera, mas quase tudo. Vai e contigo os antigos cavalos livres, o punho de morder que hás-de por na lousa se a houver, arrebatada ao alto na outra mão a coroa espinhosa de não seres mortal nesta morada

ADALBERTO

ALZIRA

Da tua boca saem pequenas chapas vítreas e quadrangulares, janelas perfeitas. Devo-te muito do que ora me resguardo na transparência. Percebes tudo por essa ordenação do dizer alto e no entanto ainda choras bem, a cara num bibe trespassado de soluços desvergonhados. Não tens desfaçatez. Um dia, quando eu estiver debaixo da terra a enrolar um bolbo, serás tu quem poderá explicar, agastada, 'Ela não jaz aqui.' É difícil saber se empunhas a tua alma como uma pequena regra de cálculo ou uma colher de provar calda de amoras, feita a olho. Vejo-te porém de pé à proa deste tempo, sem coisa alguma que possa carcomer-te.



EDUARDO

CONCEIÇÃO

Animal do ralar, primeiríssima mão de mãe lavadeira e paciente e impaciente. Não poderão nunca saber quão trémulo é o teu coração, coisa de gamo, tal a espessa camada de tecidos férteis que dóis, dás. Musical como és, quando mentes, sabes. Mas isso fez-te-me amável. Tu entendes até as fissuras das paredes a soldar na mesma fala esquiva. É por isso que podes sarar, comer do que cumpres. Saciar-te nunca. Cabeas porém na palma de uma mão de amiga, como uma dessas pequenas deusas brancas da fecundidade achadas em fundas capas de terra barrosa e que já não podem ser achadas.

EDUARDO

Não é fácil fazer-lhes entender que te ocorre um frasco de Guerlain para uma cozinheira. Comes de tudo como se fosse a última teta, ou a primeira. Não tens bonitos, que é a tua forma de pudor e grande gosto. Quando o perto fraqueja vais lá longe buscar mais. Se houvesse de morrer um pouco cedo não pediria a mão emprestada a mais ninguém. Coabitando tu com os monstros com uma grande agilidade risonha, pode-se readormecer de vez à tua beira, como toda a vida outrora por haver esperando que a terra se aquietasse de convulsões e vapores. Não reconheces da vida e da morte a falsa diferença.



GRÇA

EDUARDO

Nem sei porque te defendo — nada te ameaça, que tomaste por virtude nada do que é humano te ser estranho a um entendimento algo fútil. Nascestes e vives no total apuro da benevolência e até contigo mesmo. Creio que desconheces o ódio, embora por grande distracção. Desconheço eu como vivem as esponjas no fundo dos mares, que respiram e comem do mesmo pulsar esférico. Quando sobem à terra, ou lavam ou ressecam, cegas de mil pequenos olhos esventrados, dentro à mão compassiva, húmida. E são à flor do mar, mais dúcteis do que búzios, sem memória, bóiam.

EDUARDO

ED GRAÇA

Que é, pequena formiga vermelha em fundo de prata, esqueces-te que não há trilho recto para o animal heráldico? Um nome é quantas vezes uma malignidade e não há tão pouco qualquer glória na cólera que se afoga nas casas. Vi a ordenação dos teus dias entre o demais e o demenos contornados acaso sabiamente, que sabemos do dentro da coabitação de trapos e veludos? Vi, poeta, que sabes caldear metais com a grande finura do jeito, do retido. Amiga, afastas-te para o grande país dos calados, ou afias a voz e antenas nessa opacidade, para que alguma coisa morra que não tu?



JOÃO

ISABEL

Menina flores, que fez da sua casinha de cristal deitada nos estames de uma violeta? Pensaria acaso que outra cintura viria ondular sobre o tripé e vir falar em nome de seu agudo nome?

Porém, olho como para ti só a boniteza das coisas deveras importa, a pequena harmonia passional até de uma unha com sua mão, e digo — eis aqui a filha do homem e que nenhum edifício venha a erigir-se sem colocar em sua base, numa pequena cerimónia de primavera, uma destas mãos de criar sacrificada em compactíssima e exposta pérola, indestrutível.

12ABRL

JOÃO

Meu chapéu, corredor. Não é que tenhamos conversado muito, são só vinte anos quase. Sei muito bem que te sou o lugar da cor abandonada — tu vais a preto e branco — nunca deitarás água a tuas plantas carnívoras, as coloridas, as trepadeiras grossas que aluem edifícios. Contudo, há essas fidelidades. Ah, se tudo nos pudesse ter levado para o antes das diferenças impraticáveis ou o depois dos medos. Ficamos. Sabes que nestas terras só eu poderei declarar-te como um visitante e cumprir com a maior discrição as regras da hospitalidade devida ao estrangeiro achado na estrada, coberto dos brilhos da estirpe de adopção e do pó da distância, esse vício.



JOEL

JOÃO CÉSAR

Meu príncipe, isto já não é o que era dantes — o génio bem nascido podia inconvenienciar quem quer que fosse e era mais uma graça para os anais (da história, que os outros — também). Agora, as imagens, imagens: Tendo-te visto ver, és como uma retorta de finíssimos capilares forrados a lápis lazuli de onde sai uma vibração apenas perceptível a quem tenha disposta a atenção do local de onde os morcegos ouvem — o lancinar de tudo. O resto és tu a agasalhar esses resíduos de pedra de olhos, enrolando-te na própria espinha, esfregando mãos, acessório.

JOÃO CESAR

JOEL

Nem digo que te entendo. Há uma esconsa floresta onde ruminas ou vagueias trilhos como o elefante para a morte. Como, como... Não me és já da ordem da metáfora. Vou-me incrustar aí quando escasseiam temas, excessos de sal sem pão. Coisa das coisas, como poderá tal invocação alegrar-te? Porém todos temos o corpo e cara que nos foi preciso: és a criança gigante à beira do universo, buda menino tocando o grande ovóide, tacteando a medo e desastre o intacto e o seu princípio. Terias feito outra vida, sem mistério, sem dor, sem a devastação, sem morte. Sem palavras.



19201

JOSÉ GARIBALDI

CD25A

Seguindo de largo a queda lenta de uma peça de seda de quilómetros largada de alto em dia de aragem morna, ou o passo do gato no museu a horas mortas, veem-te. Nunca arremessas gestos, ou a voz. 'Essas coisas aprendem-se e são sobremaneira um grande cansaço', poderiam os rudes dizer diante dessa flutuação dos teus dedos. Mas tu vês quase tudo com o que te ficou velhíssimo nos olhos desviados e é isso que faz o chão deles descer debaixo do teu ameno e dolorosíssimo passeio até à morte.

JOSE CARIBALDI

JOSE

CD25A

‘Árvore, onde está o teu homem?’, ‘Eu sou esse.’, porque a árvore então não tinha nome e nela coabitavam o mais tenaz e aferrado do dentro e a doce ondulação dos ramos, até floridos de branco, como o teu sorriso quando há. Tantas coisas contrárias a juntar, José, e tanto do possível para a tua altura de pinho, não já cedo. Dás-me ganas de vénia de cetim ou pulos de escola, pois és rara mostra do senhorio de todos meus patrícios sobre si mesmos, essa lonjura das raízes, essa acidez sem podres, são, murada contra os vermes e as modas.



LUI

MARGA LUIS

CD25A

Quantas vezes me dás que pensar, assim, com a tua voz: será desleixo, fatimana, o que te simplificas para quens? Vem depois purinho, purinho, o teres-me em alta conta, mandares-me arrecadas de tão habilíssima confeitura que eu paro a aparição de plumas, patinhares, e digo-me: 'É tal seu saber sobre uma perícia que não exerce — a escrita farandolante — que: se não fosse o meu LSC seria o meu alucinadogénio.'

Pois há neste haveres um berlinde que não abafa. Nunca mais escreverei por máxima graça que não te imite mal.

LUÍS

Os árabes estiveram na Península. Deixaram-te-me. Há pois quantia de heranças que é raro ter lembradas — como a ti: o vento captado nas ocarinas de um moíno e o gizar de um guisado, quando a cebola rebrilha de loira e perfuma a casa como uma mãe de seios grandes. Ou fachadas de loiça, húmidas pela madrugada, onde a lavra é uma agilíssima escrita indecifrável, volutando a doirados e verdes levantinos, puros. Onde muitos poderão esquivar-se à orla lamacenta do oásis ou nada do harém, sorri-te algumas vezes para a cimitarra romba e a água de rosas, derramada em choro. Que o ar te seja leve.



MÁRIO

MARGARIDA

CD25A

Se Gretchen fosse tão inteligente como uma espiga moreninha medrando airosa em saibro e outras pedrarias, nem Fausto envelheceria nunca naturalmente. Digamos — Há ainda a mesma inteligência de um morango novo que não suporta grandes trânsitos, mercados, aquele amuo que te vai fazendo a boca não crescer. Vendo porém como te cometes servindo o prometido e aprazado, entende-se o de espiga, o alimento íntegro, crescente no adverso, sem fausto, tão bonitamente.





UJIM

NELSON

CD25A

Pois, português, só farás força sobre outrém sem a medir, raríssimo. O mais aguentas e ordena-te o corpo escurecido e compacto de uma brenha. Nunca dizes sim que o não seja de muita seriedade e os desastres abatem-se sobre ti regularmente como sobre a ponta de aço que se perfila perto à carga de núvens. Pedes-me a água para poderes escorrer e o que te dou me dá lagoas de paciência e irmandade. Hás-de encontrar teu lenho, despregado, e vestirás de preto no meu dia, ainda que não se use.

NELSON

MILU

CD25A

Estás, qual noite branca recente e não finda, cabeça afinal de lua que como que não lembro, ou é do som do nome? Nunca vi branco mais loiça que o dos teus olhos vidrados em Sintra, aquela desordem verde. Lembras-me o Japão ou japoneiras, o aparelhar ou a paragem delicada da natureza. Nunca criaste à medida que te haveria convido, mas onde há tempo aqui para bordar sobre a neve arbustos e preceitos duradoiros, graças?



SOFIA

PEDRO

Sobre este nome assentou grande engano que de tenaz se volve luminoso. Tu crês no amor mor e humano de um só rosto. Nem outro território te há de indagação que o de pulir palavras contra corpo, abandonado, gengiva do Senhor. Vais ao mundo pelos vazados olhos de um outrém medidíssimo e o verso aguenta-te assim uma momentaneidade de colosso para ficar, imenso, imerso. E por debaixo passam as terríveis naves carregadas para nada, a desmesurada tua mesura de objectos e actos. És um amante exacto, e por aí te acometem todos os rigores — tua cidade e pátria são pronome de mulher e outra.

SOFIA

Há uma cerimónia de jardim quedo. Há uma justiça de não tocar as pétalas com os dedos, de envolver as duas próprias mortes em sudário desdobrado de antiquíssimas gavetas onde a poeira tomou a esterilidade limpa de cinzas. Há todo e todo o branco suportado. E ainda o menineiro jogo dos pequenos dizeres sobre pedras e conchas irmanadas. E mais, de primazia silente — a estranheza do corpo não ficado à luz, do estropiado de tudo, da consciência, da inútil proliferação de tudo, face à singeleza do fio de águas, das estátuas.

Pode conhecer-se aí a rosa náutica  
o translúcido canto dos naufrágios.



## O adeus aos exércitos

E COMEÇA

VERGÍLIO

Um dia da noite chamei-te, 'O rosa preta', por causa do  
velo sedoso que te cobre a cabeça redonda por cima da  
cara de miudinho de meia idade. Grisalhou mais.

Há uma caça secreta a que andas, peça grossa — um  
licorne com pata de boi raso. Queres príncipes e doges  
e mesmo madonas para toda a gente, como se houvesse  
fadas pelas galerias das fábricas desertas, duendes dor-  
mentes num berço de bolota. Tens essa razão. E acho-te  
os desperdícios leves, tanto o crer.

Os olhos eram então os dos milhanos — estão demu-  
dando em canários mansos que não trilhar até que caias  
sob algumas flores.

VERGILIO

ZÉ GOMES

Há entre nós ambos, meu menino, uma tão grande diferença de idades que pouco conversados estamos: pergunta aos da fatia de gente e comoções entre nós se eu não podia ser tua avó — É que podia. Eu era lá capaz de crer que há bons e maus e também o contrário. Ou de entender a seco que um penedo é de pedra num parentesis e pô-lo de seguida a dizer coisas de alma, a ilustrar o sol. Ou de rilhar como um lobo cachorro na galinha da vida parva e chocar-lhe de meiguice os ovos de prata. Eu era lá capaz desse pudor e desplante um ao outro garrotados, desse operariado das rosas, dessas odes de sacho e pianíssimo. Porisso me desalento e acosto a essa verdura de olhos que vêem o que só querem, fresquíssimo ou estragado — eu e este tempo passaremos primeiro ou tão após.

Fevereiro 1976



# O adeus aos exércitos

'never there he will never  
never anything  
there  
any more'

S. BECKETT.  
MALONE DIES.

a meu pai  
coronel na reserva  
morto em 1970  
ao general Vasco  
ao major Otelio  
ao soldado desconhecido

# O adeus aos exercitos

DE GOMES

Na noite dos dias 25 e 26 de maio de 1964, a grande dife-  
 rencia de ideias que existia entre os dois grupos de oficiais  
 que estavam a ser considerados para a realizacao da  
 revolucao foi mais uma vez colocada em evidencia. A  
 maioria dos oficiais do grupo de oficiais que estavam a ser  
 considerados para a realizacao da revolucao eram de  
 origem militar e tinham sido formados nas escolas de  
 guerra. A maioria dos oficiais do grupo de oficiais que  
 estavam a ser considerados para a realizacao da revolucao  
 eram de origem civil e tinham sido formados nas escolas  
 de guerra. A maioria dos oficiais do grupo de oficiais que  
 estavam a ser considerados para a realizacao da revolucao  
 eram de origem militar e tinham sido formados nas escolas  
 de guerra. A maioria dos oficiais do grupo de oficiais que  
 estavam a ser considerados para a realizacao da revolucao  
 eram de origem civil e tinham sido formados nas escolas  
 de guerra.

CD 25A

ao General Vasco  
 do maior Odeio  
 no sentido desconhecido



Um dos mais antigos cheiros é o do cotim, bota morna, meu major em meias húmidas. E a fêmea a rir-se com o assento a receber o pontapé benévolo para arrancar a outra. Era o tempo de amores.

Podia-se então passear a pé coxinho por grandes espaços onde havia galinhas e óleos de armas, os panos de feltro de pulir, os tabuleiros de damas ensebados da sala de sargentos. Eu tinha um laço branco e botas de atacador, eu queria, o quarenta e cinco, as bestas, a bosta, o nosso comandante, os galões que o pessoal cuspiam para rebrilhar, as caixas de botões das casernas à meia tarde. 'Abundante e bem confeccionado', da marmita do oficial do dia e da minha colher, e os lápis de dois bicos dos despachos e guias de marcha. Havia também aquele pio nas tripas quando vinha a nota final do toque de sentido e as anmas e os pés e as caras dos homens se aperravam todas desconhecidas. O senhor, meu major, tocava com a ponta do beijo de baixo a copa da arma areada em casa e seguia-se todo o batalhão onde ia também muito mudado o nosso Neves que tinha a filha com tinha, a minha amiga de retoíça, e havia que ter paciência com as mães depois do recolher e deixar que me esfriassem trilhos no cabelo com álcool canforado. Na Rua das Trinas o quarenta e cinco pegava-me ao colo e na pasta e nas lágrimas das contas com vírgula e da minha primeira farda sem brio. Morreu de cancro, como aliás o nosso coronel, que há-de fazer um homem de infantaria quando já nada há que cumprir, nem de ordenança?



Um ano antes de pelos no púbis, ou dois, foi quando morri na Estrela, Hospital Militar. Vi um cavalo encarnado pousado de charangas e arreo de parada com dois pares de asas leves como um tira-olhos, em cima do telheiro das latrinas — que não tinha nada que ir encher-me das azeitonas novas do bacalhau do rancho, diziam-me as mães — e o cavalo levava-me a um céu que era assim um espécie de Jardim Zoológico onde eu ia por sua mão, meu tenente, a um São Jorge que estava de muitos galões na manga e faixa de seda franjada e muitos, muitos cachorrinhos à volta. Foi lá também que vocelência me deixou à porta, meu capitão, os olhos duas cebolas atónitas, porque me iam arrancar a frio parte dos gargomilos. Bons tempos, em que um homem chorava e embirrava com qualquer general do Comando. Para os lados da casa dos detidos, larguei por lá um rebento de sardinheira arrancada e amandei-a para dentro da janela com grades do cabo da banda que tinha mal andado com dinheiros. Era vossa excelência fascista e começava a ouvir muito mal e a perguntar pelo emblema com a barretina do Colégio, quando o tinha no casaco de civil mesmo à vista. Pois pegou-me então ao peito com essa falta de jeito que vos assiste a todos e acho que, tirante o tempo final em que o deram por tonto e era só tristeza de não servir, foi a última vez, meu pai. Dizia-se por casa que Vossa Senhoria esbanjava o soldo parvamente, não se soube nunca se a perguntar às praças pela família se a compor a solidão com senhoras de pouco porte.

No vinte e cinco de abril do ano de mil novecentos e setenta e quatro já não havia cavalaria como a do senhor seu irmão mais velho, que era tão elegante que teve o cuidado de morrer antes da arma se mecanizar. Tudo



isso tinha passado para a Marinha. Mas a rapaziada que tinha que fossar, fossava, por essa mesma coisa de refazer pátria porque o meu cadete fez tanta asneira bonita na Escola de Guerra, na Rotunda, atrás do oficial que havia, Sidónio. Ah, se ser português fosse momento.

De todos os meus amigos esses novos, que tudo é recente após a infância, quem não tinha vergonhas de achar em graça a tropa, logo, logo, era eu. Estava finalmente duas vezes em casa — a rua aos pulos e os tropas os bons, meu capitão. Nem mesmo ao General-Medilhas-Não-Medricas eu neguei fé, meu general que vocalência não foi por ingénio e menos lido do que havia fora dos 'seus' homens, unidade. Meu general do seu abril que não havia de haver, meu tenente.

Pai, a tropa começou a ouvir os inteligentes da nossa pátria e não sabia que eles tinham morrido mal em Alfarrobeira, no exílio, no medo explicativo. A tropa não sabia nada que não fosse de um tudo. Os agarrados ao cumprir e ao servir e ao sonhar foram muito humilhados como no tempo de cadetes escarnecidos, parentes pobres safados do casar-se com dote, e há grooms de botões de latão, areados em falso para toda a vida. Mentem, mentem, ou vão ganir para um canto, perdidos como a mascote fidelíssima que ia à trela nas manhãs de tiro nas carreiras escavadas ao lado das paradas desertas — ah, o prazer de assestar a cara numa coronha fresca, quando acertar é só jogo sem sangue — e que morreu de tiro na nuca, despelada, em comissão nas colónias.

O pessoal começou a desenfiar-se, a faltar às formaturas, a encardir as boinas. Vieram paisanos entrar às portas de armas a dizer 'prontos' onde não eram precisos e os



generais perderam-se em grandes corredores de estuques e espelhos segredando em inglês milhões de dólares, a geografia das ilhas. Desconfiou-se muito do que restava de tino militar e não se lhe deu outro. Mandou-se para a choça o que era dantes, mas claro, para a reserva o que era do futuro, mas limpo — esse crer em generais enfim soldados para acabar com as armas, esse amor da perícia organizada, manutenção farta, estratégia e tática em mapas de parede, os homens bem comidos e dormidos, tudo em ordem, varrida a parada da vida até que fosse o fim de toda a fome e guerra e o soldado fosse a praça das estrelas, o oficial dos dias.

Vergonha, meu alferes, capaz de marchar vinte léguas com a cabeça fendida e afligir-se com o joelho rachado de uma criança habitante do seu viver ingénuo e pequeno, de onde se podia vir para a vida com o coração lacerado da violência inflingida e suportada como em campo de manobras, mas grosso de uma convicção inabalável a levar para outras hostes, outras lides — a de que antes a morte cega que o levantar da mão pelas costas a um companheiro de armas, antes a miséria resmungada que sacar promoções e louvores ao comando em detrimento das rações dos homens que nos estão confiados — esse antiquíssimo código maior que a disciplina — a coragem para dizer não aos de cima, a fidelidade para dizer tudo aos do lado, a dedicação final aos debaixo — essa lei de ouro que será a herança dos exércitos, que prevalecerá até que possa findar essa agonia humana do parir-se no esforço até ao fim das hierarquias.

Vergonha, meu major, e até Vossa Excelência entenderá, apesar de um pouco mouco e caído em desuso com os exércitos do Condestável e os de Alcácer e os de Marra-



cuene, e cego para tudo o que não fosse a mira dos camaradas mais bem classificados a encontrar todos os anos por alturas do almoço do Estado Maior na Luz.

Vergonha, meu capitão, que o quadrado da assembleia que jurara por todos os mancebos esfarrapados e anal-fabetos a incorporar tenha dispersado à vista do inimigo, tenha desguarnecido os flancos de quem trabalha, tenha arrancado as insígnias de posto, de arma e de nação, por ordens e contra ordens de poderes civis que não estavam constituídos.

É que saiba Vossa Senhoria que eles tinham dado a sua palavra de honra de militar, meu primeiro.

Fevereiro de 1976





Litania do pronome  
perdido ou  
os sapatos do peixe

CD25A

'Plus bas que moi,  
toujours plus bas que moi  
se trouve l'eau'.

F. PONGE.  
LE PARTI PRIS DES CHOSES

'Não tinha nada que lhe dizer,  
porque não desesperava dele'.

A. BESSA LUÍS.  
AS PESSOAS FELIZES

litania do pronomme  
perdido ou  
os sapatos do peixe

CD25A

Plus par que moi,  
toujours plus que lui  
se trouve leu,  
7. pour  
le tant plus les choses

Não tinha nada que lhe dera,  
porque não desceitava dele.  
A. BERNARDI  
AS LINGUAS PORTUGUEZAS



Escrevo-te a ti. Saberás muito bem que eu te escrevo na trilha de quem somos, esse rastro pisado. Sempre assim foi. Agora a idade é outra e ainda a mesma. Temos ganhas sabidas prevenções contra o segundo pronome por causa do quarto, mentais. Não muitos corações envelhecem mas as mentes tanto, por causa do quarto que temos, esta casta. Olha, lê, vê: aqui está um equívoco com grandes possibilidades — o quarto pronome pessoal, o noduloso *nós* cego, o quarto de camas, os quartetos de câmara com sons que não são populares, e por aí dentro ao íntimo, noz mesmo.

Era uma vez um rei que tinha de dois filhos, um o branco e outro o preto. Eram todos da mesma raça, só que um muito moreno por concebido ao sol. Claro: Que contra a vontade da mãe. Mas o rei era ágil. Não gostava de estar muito tempo de trono.

Trescrevo menos que leio, sem grandes desforços, após pré-história de laboriosas explicações da matéria dada, surrealismo curto, acrobacia verbal, seja. De saltimbanca em tapete ralo, pandeiro de bexiga. Ah, e os trabalhos de história-pátria no pátio, no joelho esfolados. Ninguém quase que viu. Há porém um plano muito sério que me alevanta felizmente, que se acrescenta até da minha hesitância ao nomear, que me leva longe. Perto da coisa que não é da ordem do facilmente dizível. Também a ti e tanto houve de pedir licença para essa conversação de sapa, como se ela fosse possível no dialecto



das casas. Teimei muito em falar como o desastre que é. Toda a gente sabe isso de mim desde muito cedo. Agora às vezes escrevo assim. Nem tenho exagerado, por uma questão de pacto com a saúde e o próximo, que o mesmo é. De um modo geral, foram todos muito bondosos comigo a avisar-me.

Um dia a mãe disse-lhes, vão ao fim do mundo e tragam-me um chapinzinho de salmoa. O pai estava finalmente adoentado. Um foi por um lado e o outro não. Era o mais preto. Parou um bocadinho a ver o mais branco seguir pela areia e disse, Se ele for sempre pela areia e se eu me enganar e não achar aqui nada, sigo-lhe as pegadas e ainda o apanho. Este preto era o irmão que, como diria um autor moderno, másculo, precisava sempre do outro para se ir. 'Voltar atrás para quê?', pensava o branco já na esquina da duna, a vê-lo vê-lo. O branco era recto. A partir de novíssimo a mãe tinha-o sempre chamado quando tinha que escolher.

Reincidi porém muito nessa indecência de querer dizer, quando falava. Por razões simetricamente opostas, só não tive massadas com os literatos, que pensam sempre que isso pode ficar escrito, e com os ditos pobres de espírito que me diziam, sinceramente, Pois é, é a vida. Mas vejo tudo a acabar em bem, meu bem amado, milenarmente. Há muitos sinais disso no pontual, tanto o modo como uma gaivota espreira lesta o território das águas mantendo a facilíma perfeição do voo horizontal, como a catedral policroma. Os as reverberações de luz apaziguada no interior nacarado de uma concha grande, mãe de pérola. Ou ainda: uma betoneira subindo o empe-



drado à minha porta carregada de sedas vermelhas, como um elefante, e príncipes brancos e pretos vitoriantes numa madrugada tão escura como Bizâncio, a morta. Ah, sei bem que há que não fazer renda com tão ténues, precários filamentos. A quem aqueceria? Nem espero embevecer-te com o que jaz de meu ânimo em passo tremente, de andor. Antes, dizendo ainda dos sinais da concha: há-de haver um fechar de manso da pálpebra humana, rósea, sobre um merecido sono conseguido e tu não estarás lá. Só que mais antes e entretanto da sobrançeria não haverá menos que suportar as intensidades que fazem harmonia sanguinolentamente. Sei ainda que te escrevo e nem porisso. Ou que tenha que ser eu aabençoar-te. Nem há de que recriminar-te, excepto de tão igual. Invejo quem anda nisto destarte e não invoca ou dá já por outro nome que o de pedras ou mesmo pequenos estames túrgidos de seiva, sem cara ou cauda ou outra cor que a verde. Há pois coisas que eu perco muito a explicar-me e até a olhar de modo claro para muitos, em termos de cidadania democrática, a boa educação do poeta morador. São essas da ordem da delicadeza do pequeno tu tão mortal. Consta aí que há muita injustiça social na demanda da excepcionalidade de ti. Nem serei eu a insistir demasiado.

O de preto vacilou (era-lhe de uso) e assentou-se a fazer um buraco na areia com as duas mãos. Ora uma, ora outra, em ritmo penal. Bem lhe parecia que com isso talvez chegasse ao outro lado sem unhas. Foi o que aconteceu: a partir do vigésimo quinto dia já perdera quatro falangetas. Não sangrava porque estava possuído de uma alegria muito comprida e cheia de pressa — Vão-se os dedos fiquem-se os sapatos maríti-



mos. E ainda porque a água salgada do fundo da poça cada vez mais funda dilui e come. A população veio toda para o estar a ver, porque alguém sentado assim a gastar-se até aos cotovelos não era afinal nada frequente e estava mesmo ali à mão, por assim dizer. Eram tantíssimos que já cobriam toda a praia e por aí acima em hemicírculo, todos vestidos de preto porque entrementes o rei finara. Parecia aquilo visto de cima uma grande pestana da qual o cavador de areia fosse a menina do olho e o mar as lágrimas.

Isso porém me tem evitado o compromisso que mói, o dito curto e miudo, a sucintez parva. Os verbos são o que são e eu não sei ser morada pela linguagem e apenas o sabor e os sons dela passando aqui como comida variável por temperos de cada dia. Dado que vos amei mais, ó habitantes da espiral que contorna, devo eu morar na espinha do tufão que é quieta linha fixa. Resta que não parece viável tocar-vos que não em franjas afinal limítrofes. Tua gravidade são as coisas em que nada demasiado se passa excepto em termos de tempo, o ruir dos casais, dos países estáveis. Quanta paz e até podre seria preciso vencer para servir-te a surpresa. Debaixo da terra batida a maciez das larvas agitadas reentrega lentamente cada corpo ao ciclo estuante. Se se amasse como se escreve seria para não endoidecer de asilo, isto é, ordeiramente. Tempo houve em que te preferi com muita lancinância.

O branco ia coberto de armadura pelo mundo fora sem ridículo porque lhe ia adiante fama de ilustre nascença e procura. Tinha visto tantas



coisas inauditas e quase invisíveis e até um homem perder a própria cobra e até um gato com penas azul esmeril e até uma rata a lavar-se e mesmo o umbigo de uma amante que lho deixara ver do avesso, que dizia, Estou quase a agarrar a coisa. Só que já não se lembrava muito bem o quê. Começava também a ficar cego de um dos olhos e a ver as coisas com uma certa chateza. Pesava-lhe muito a cabeça do elmo e de tantas lembranças e não via de facto grande razão para não ficar por ali.

Eram então as ruas coalhados dum todo desejo, tudo dizia bem e ouvia-se debaixo dos pés e na crosta das árvores o grande mesmo pulsar do dentro ao peito. E as flores raríssimas e os mais fechados poetas e até as grandes aranhas carnívoras e as crianças aleijadas moravam dentro do grande véu magnânimo, luminoso, translúcido, da decifração.

É porém pela prática do excesso medido que te relembro de todas estas coisas. Profiro-te recaída por saltos, penas de aparo, na cada vez maior infância aonde o preferir atendido era o abrir planetário e mesmo mais, estelar. Te digo tu para dar conta do fio de aço à cintura do trapezista sem rede, paz de alma de quem assiste. Que o mal foi no chão, entre espectáculos, ódios de ensaio, a rede grossa à vista.

Quando vieram trazer os dois filhos à mãe, o branco veio de séquito porque tinha ficado de rei num pequeno país exterior, por esquecimento. Vivia muito só como era próprio do estado. Também o outro olho já lhe via mal,



de vaguear. Grande parte da sabedoria tinha-lhe descido da cabeça aos testículos, que cresceram e cresceram, cheios de fecundidade. O membro, assim sem ar nenhum, foi porém secando. Tinha filhos em tantas partes que nem os reconhecia. Estava muito cansado pois cumprira todas as suas obrigações e nunca levava muito a sério a encomenda da mãe.

O preto não tinha nada nas mãos, nem mãos, e respondeu quando o vieram chamar, Que é, que é que foi?, como se tudo aquilo tivesse começado ontem. Estava muito desfigurado por causa dos olhos a mais que lhe tinham nascido por toda a cara na fundíssima cova obscura que já ia quase até ao outro lado. Da cintura para baixo o corpo afinara-se-lhe e era trémulo e translúcido como uma alga de pele. Tãopouco se lembrava da família ou do porquê, mas estava pronto a voltar para o seu poço de mar com as várias gerações que se lhe tinham revezado à volta para assistir.

A mãe, que estava um pouco distraída com a idade e a segunda viuvez, disse, Já naquela idade eles tinham idade para saber que os peixes não têm pés.

Foi nessa altura que o preto e o branco se reconheceram por causa do espaço que lhes faziam à volta a apertar-se e se disseram, Irmão!, como num filme, mas já sem membros com que arrebatarse.





Que excavação e achamento e ainda voo e voo são só  
preparação. Tu ainda não hás, nem eu, nem nós jamais.  
Nem saberás que tu profiro, se o de ti ou esse outro.

Janeiro 1976

CD25A



# Índice

Entre Actos, Cravo . . . . .	9
Crónica dos idos . . . . .	15
Manifesto do escritor em linguagem fácil para uma campanha difícil . . . . .	23
O portuguêsíssimo nome de Marias . . . . .	29
Exortação à entrada do poeta em Abril . . . . .	35
A honra de Honório . . . . .	41
Notas a Honório . . . . .	55
Voo de amiga pelos maiores céus . . . . .	59
Incitação lírica ao crime legítimo . . . . .	63
Teorema cultural mútuo simples . . . . .	67
Vinte falas portuguesas para uma revolução . . . . .	71
Subsídio para uma restauração do corpo da língua	77
A gente . . . . .	87
Uma carta do amor insuportável . . . . .	95
Nota de leitura . . . . .	101
Discurso pobre de Outubro . . . . .	107
Em honra e lástima de Pedro e Paulo, Pasolini . . . . .	115
Discurso em cravado . . . . .	119
Levantamento da cidade de Lisboa . . . . .	123
Revolução e mulheres . . . . .	131
Cantigas de amigos amados . . . . .	141
O adeus aos exércitos . . . . .	165
Litania do pronome perdido ou os sapatos do peixe	173



